



COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais

THAIZA DE FREITAS DUARTE

ECONOMIA CIRCULAR E ENSINO DE ARTES:

Guia para revisar e construir novas práticas
no ambiente escolar

Rio de Janeiro

2024

Thaiza de Freitas Duarte

ECONOMIA CIRCULAR E ENSINO DE ARTES:

Guia para revisar e construir novas práticas no ambiente escolar

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora Prof. M.a. Vivian Greco Cavalcanti de Araujo

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

D812 Duarte, Thaiza de Freitas
Economia circular e ensino de artes : guia para revisar e construir novas práticas no ambiente escolar / Thaiza de Freitas Duarte. – Rio de Janeiro, 2024.

91 f.

Produto Educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Vivian Greco Cavalcanti de Araujo.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Economia circular. 3. Sustentabilidade. 4. Responsabilidade ambiental. I. Araujo, Vivian Greco Cavalcanti de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Thaiza de Freitas Duarte

ECONOMIA CIRCULAR E ENSINO DE ARTES:

Guia para revisar e construir novas práticas no ambiente escolar

Produto Educacional de Especialização apresentada ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em 02 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a M.a.Vivian G. C. de Araujo (Orientador)
Departamento de Artes Visuais – EEAV Colégio
Pedro II

Prof^a Dra. Camila Nagem Marques Vieira
Departamento de Artes Visuais – EEAV Colégio
Pedro II

Prof Dr. Alexandre Henrique Monteiro Guimarães
Departamento de Artes Visuais – ESF
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2024

Dedico esse trabalho ao Kiko Camomila, meu “filhote” gato-garoto-vovô, que cumpriu seu ciclo nessa vida no meio desse processo. Toda minha gratidão à sua parceria e existência, que sempre me ensinou e cuidou muito. E assim continua, com preciosas lembranças...

Amor eterno



AGRADECIMENTOS

À Tereza, minha mãe preciosa e à minha família amada.

À Vivian Greco, por toda sua empatia, compreensão, colaboração e parceria. Ao Sérgio Linhares, grande mestre, revisor e incentivador, sempre.

À Comunidade de Prática em Economia Circular Rede Noz, em especial: Ana Borba, Carla Tennenbaum, Léo Cedim, Ricardo Medeiros, Toninho Catador, Vinicius Villas Boas e Vivi Mattioli que colaboraram muito com seus conhecimentos. Juntos, vamos buscando como facilitar a transição para a Economia Circular no Brasil.

Aos artistas Clarice Rito, David Cananéa, Mariana Benchimol, Sidohui e Thiago Hortala, pelas trocas e conversas.

Ao Alexandre Nadai, por colaborar para que eu compreendesse melhor meu propósito. À Myriam Assis e nossa Coletiva Circula, através da qual, juntas, vamos desenvolvendo projetos culturais sobre essa base.

Aos amigos ímpares que enriquecem a existência e a inspiração.

À Ailton Krenak, Bispo dos Santos e Tião Rocha, por me alimentarem o vôo!

Ao Colégio Pedro II que mais uma vez contribuiu com minha formação e à toda a equipe da pós-graduação do Ensino de Artes.

E a tod@s que, de alguma forma, colaboraram com esse trabalho. Que continuará se desenvolvendo e ao qual continuam sendo bem vind@s nessa construção.

Uma das minhas avós e mestras ensinava que aquilo de que a gente não precisa, mas sabe que apodrece deve ser jogado no quintal. E aquilo que não é mais necessário, mas não apodrece, a gente guarda até o dia em que for necessário. Dessa forma, nada ia para o lixo, não conhecíamos a palavra lixo. Às vezes eu perguntava: “O que faço com isto?”. Ela perguntava: “Apodrece? Se apodrece, joga no mato”. Jogar no mato significava jogar na mata, porque aquilo ia se decompor e se tornar necessário para outras vidas. Mas quando cheguei na cidade e disse: “Olha, isso aqui não presta, não é mais necessário, vou jogar no mato”, o povo debochou de mim. Na cidade não havia mato, havia lixo. E no lixo se jogava tudo: o que apodrecia e o que não apodrecia. Tudo misturado.

(Antonio Bispo do Santos, 2023)

RESUMO

DUARTE, Thaiza de Freitas. **Economia circular e ensino de artes:** guia para revisar e construir novas práticas no ambiente escolar. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

O presente produto educacional foi criado a partir de uma pesquisa onde busquei refletir sobre o impacto das minhas experiências como artista e docente, diante de um mundo onde produzimos incessantemente resíduos poluentes, repetindo hábitos sem avaliar suas consequências. A intenção é a de fomentar uma avaliação da responsabilidade que temos sobre nossos fazeres escolares e seus efeitos no meio ambiente e a de conquistar melhores condições no processo de ensino e aprendizagem. Entender a escola como meio de formação e transformação, onde é possível agir de modo reflexivo sobre as escolhas realizadas, se são sustentáveis ou não, desde a concepção das propostas abordadas até o destino dos materiais utilizados após a conclusão. Ancorar a base dessa pesquisa na Economia Circular afirma a intenção de estimular a criticidade das atividades realizadas, considerando a importância de desenvolver consciência ambiental e sociocultural. A partir disso, estruturar a *práxis* docente numa proposta de equidade de valores, no que se refere tanto ao fortalecimento da escuta nas práticas educativas (integrando conhecimentos prévios, interesses e demandas dos educandos a uma valorização do contexto local) quanto às condições de trabalho encontradas pela equipe pedagógica.

Palavras-chave: ensino de arte; economia circular; sustentabilidade; arte sustentável.

ABSTRACT

DUARTE, Thaiza de Freitas. Circular economy and arts teaching: guide to review and build new practices in the school environment. 2024. Course Completion Work (Specialization in Visual Arts Teaching - EAD) – Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

This educational product was created based on research where I sought to reflect on the impact of my experiences as an artist and teacher, in the face of a world where we incessantly produce polluting waste, repeating habits without evaluating their consequences. The intention is to encourage an assessment of the responsibility we have over our school activities and their effects on the environment and to achieve better conditions in the teaching and learning process. Understand school as a means of training and transformation, where it is possible to act reflectively on the choices made, whether they are sustainable or not, from the conception of the proposals addressed to the destination of the materials used after completion. Anchoring the basis of this research in the Circular Economy affirms the intention of stimulating the criticality of the activities carried out, considering the importance of developing environmental and sociocultural awareness. From this, structure teaching praxis in a proposal of equity of values, with regard to both strengthening listening in educational practices (integrating prior knowledge, interests and demands of students with an appreciation of the local context) and the working conditions encountered by the pedagogical team.

Keywords: art teaching; circular economy; sustainability; sustainable art.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA	12
2.1 Sobre a Economia Circular	13
2.2 Sobre os Projetos de Trabalho.....	15
2.3 Economia Circular e o Ensino de Artes Visuais	16
2.4 O social na Educação Circular e o sentimento de Ubuntu	18
3. CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICE A - O PRODUTO EDUCACIONAL	24

1. INTRODUÇÃO

O que fazemos? Como fazemos? E depois, o que deixamos como resultado e consequência para o mundo? Diante desses questionamentos frequentes em minha vida, comecei a revisar as práticas e as escolhas do meu fazer artístico e pedagógico diante de uma realidade que reclama por soluções que preservem o meio ambiente. Então passei a pesquisar meios efetivamente sustentáveis, visando a transformação de perspectivas sobre a minha atuação como artista e como docente em Artes Visuais. A partir disso, através da busca por alternativas de uso consciente dos materiais em sala de aula e analisando a relação entre Economia Circular e o Ensino de Artes Visuais, surgiu este produto educacional.

Foi na prática diária, atuando como mediadora e produtora de arte, que me deparei com o incômodo sobre os resíduos gerados após a conclusão das atividades produzidas e o desperdício de material. Além disso, de uma forma geral, a realidade que encontrei na educação da rede pública no Rio de Janeiro, especialmente no que se refere ao ensino de Artes, retratava um formato que não favorecia práticas como as estudadas por teóricos que visam uma educação de qualidade. Apesar da oportunidade do encontro com os educandos, me deparei com escassez de material, tempo fragmentado para realização das atividades, turmas cheias, espaços inadequados, inclusão de alunos especiais sem seguir as premissas previstas em lei e a desconexão entre a equipe pedagógica devido às condições de trabalho precarizadas e por fatores ligados à saúde mental dos envolvidos.

Diante do cenário apresentado, o objetivo dessa pesquisa e do produto educacional que resulta dela é pensar o ensino de artes como um meio que pode favorecer o desenvolvimento de práticas sustentáveis individuais e coletivas mediante atividades que estimulam tanto a compreensão de si (do sujeito diante do mundo) quanto a cooperação em relação aos demais. Valorizando a diversidade e o entorno (onde vivemos) a partir de uma abordagem menos antropocêntrica. Essa perspectiva evidencia uma visão sistêmica da vida e a compreensão de que nossas ações geram impactos, já que fazemos parte de um conjunto maior, integrado e pertencente à natureza.

Para tanto, a experiência de cada um envolvido no processo educativo, a vivência nas práticas realizadas, favorece esse trabalho de conscientização que se mostra tão necessário ao entendermos que estamos diante de uma realidade educacional e ambiental que precisa ser revista e reestruturada, a fim de permitir que futuras gerações tenham acesso a uma vida plural e digna, respeitando a diversidade em seu sentido mais amplo.

Esse produto educacional visa alcançar professores do Ensino Básico, especialmente os da rede pública, que possuem condições estruturais e materiais menos favorecidas. No entanto, acredito que essa pesquisa possa também atender a diversos segmentos e realidades, ao pensar na transformação que uma mudança de perspectiva pode proporcionar. É importante perceber que essa abordagem não está restrita a nenhuma faixa etária específica, podendo inclusive ser trabalhada de forma intergeracional.

Para a estruturação do produto educacional, foi elaborada a proposta de realizar um guia com conceitos e referências, sustentado na recomendação de realizar projetos de trabalho, já que essa abordagem permite um planejamento mais assertivo em relação aos objetivos. Especialmente pela possibilidade de amparar a continuidade do trabalho realizado com as turmas envolvidas, independente do tempo fragmentado que geralmente é destinado à Arte no ensino regular na rede pública. Desta forma, é possível ao professor cadenciar atividades sequenciais e gerenciar as aulas conforme o período de duração definido.

Assim, com o pensamento de tratar sobre Arte Educação contextualizada na atualidade, baseada na avaliação das escolhas e suas consequências no que tange os recursos utilizados dentro das condições disponíveis, tenho a intenção de unir experiências a projeções diante da realidade do contexto escolar, que é naturalmente complexa. Ao pensar a circularidade nas práticas artísticas realizadas no ambiente educativo, pressupõe-se um posicionamento que abrange a reflexão sobre consumo consciente, sem reduzir o projeto apenas a propostas de reaproveitamento. É necessário analisar os recursos possíveis, contrapondo cada elaboração ao destino final e transparecer a cadeia produtiva envolvida no processo idealizado.

Ciente das diversas dificuldades que constatei enquanto docente no ensino de arte, me questiono: Como aplicar essa proposta em nossa prática educativa? Com a realização desse produto educacional, em formato de guia, me proponho a analisar alguns dos principais materiais utilizados nas aulas de artes, apontando sugestões de outras possibilidades e utilizando, como exemplo, um projeto de trabalho com esse enfoque, que poderá ser replicado ou adaptado a outros planejamentos. Mas, sobretudo, pretendo destacar a importância desse processo de conscientização, fomentando a reflexão sobre o impacto de nossas ações para além da sala de aula.

2. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA

“O lixo é um erro de Design”
(Gerje; Tennebaum, 2015)

A primeira coisa a se pensar ao assumir uma postura consciente diante da responsabilidade que temos com as nossas escolhas é reavaliar o conceito de lixo. Afinal, se entendemos a origem dos materiais (a extração e seu processo produtivo e de distribuição) e compreendemos que os resíduos podem ser reduzidos e destinados corretamente, percebemos também o poder que temos como consumidores (e multiplicadores) na hora de escolher o que utilizamos em nossas práticas. Acreditar nessa premissa para nos conduzir em nossas atuações transforma o nosso olhar sobre os hábitos que reproduzimos muitas vezes sem questionamento. Dessa forma, podemos compreender o design como a elaboração de um projeto, por exemplo. E, no planejamento, aplicar esse filtro a fim de unir discurso e prática.

Quando Paulo Freire (1996) indica a necessidade de passarmos de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade epistemológica, compreendo, nesse caso, como educadora e artista, a necessidade de ultrapassar minha vontade genuína de evitar desperdício e descarte incorreto, obtendo uma compreensão aplicada através da pesquisa e da prática, para desenvolver uma conscientização sobre a origem das coisas e seu destino pós-uso. Assim, para reduzir o meu impacto negativo no mundo, busco o conhecimento para transformar minha realidade, e me volto a essa coerência no fazer a fim de demonstrar com ações o que estou realizando e, sobretudo, ensinando.

No que tange à educação, Freire (1996, p. 42) defende que: “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. [...] O de que se precisa é possibilitar que, voltando-se para si mesma, através da reflexão da prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, vá se tornando crítica.”

Da mesma forma, de alguma maneira, meu fazer artístico nunca esteve desassociado de minha prática docente e, cada vez mais, percebo que há um elo que orienta minha reflexão de modo que ambas se retroalimentem. Nessa direção, a Economia Circular abrange os valores que flamejam as bandeiras que carrego e colaboram com a busca que empreendo na transformação desejada em relação a meus hábitos na esfera pessoal e profissional.

Como na educação algumas das questões enfrentadas pelos arte educadores em escolas públicas é sobre a precariedade de materiais e espaços (justamente elementos fundamentais para

a prática artística), a postura de repensar esses fazeres sob o prisma da Economia Circular abre algumas possibilidades de contorno frente a essa realidade.

Economia Circular: Uma estrutura de solução de sistemas que aborda desafios globais como mudanças climáticas, perda de biodiversidade, resíduos e poluição. Baseia-se em três princípios, impulsionados pelo design: eliminar resíduos e poluição, circular produtos e materiais (em seu valor mais alto) e regenerar a natureza. (Fundação Ellen Macarthur, 201-?)

Para entendermos melhor, é importante compreender que Economia Circular é um conceito amplo e que abrange diversos aspectos, mas que evidencia, sobretudo, a mudança do ciclo produtivo linear - onde se produz e se descarta indevidamente após o uso, para o circular - no qual se compreende que não há lixo e sim gestão de resíduos. Isso porque o ciclo de vida dos materiais é considerado desde o design, na concepção de produtos, sistemas e projetos a partir do uso adequado de recursos, de modo que permaneçam no ciclo repetidamente através do reaproveitamento e da reciclagem, ao invés de serem descartados de qualquer jeito, em um processo de continuidade e valorização da vida.

2.1 Sobre a Economia Circular

Importantes divulgadoras da Economia Circular no Brasil, através de consultorias de cursos e do site < <https://ideiacircular.com/>>, Léa Gejer e Carla Tennenbaum explicam o conceito da seguinte forma:

A Economia Circular é um movimento que vem sendo construído dinamicamente nas últimas décadas por diversos atores e setores da sociedade, entre fundações, governos, empresas e organizações da sociedade civil de todo o mundo. É uma ideia mobilizadora, que sinaliza a possibilidade de interações benéficas entre os seres humanos e o planeta, em uma visão positiva do futuro que a gente quer – e precisa – construir. (Gerje; Tennebaum, 2015)

Investindo em informação para avançar em soluções quanto a meus questionamentos, me aproximei da Ideia Circular, “uma iniciativa pioneira de educação e inovação para a Economia Circular no Brasil” (Gejer; Tennenbaum, 2015), por meio do curso online - Economia Circular na Prática: entenda, desenhe, transforme! – que cursei em 2022 e a partir do qual passei a integrar a Comunidade de Prática em Economia Circular - Rede NOZ. Essa rede é composta atualmente por ex-alunos, que são profissionais de vários segmentos que se encontram online regularmente para estudar, debater e trocar sobre o assunto, a fim de favorecer a expansão da Economia Circular no Brasil.

A Ideia Circular é fundamentada na metodologia *Cradle to Cradle*¹ (C2C) adaptada ao contexto brasileiro, que enfatiza os efeitos positivos dos processos realizados, focando em efetividade e qualidade ao invés de eficiência e quantidade. Projeta o design de forma circular, questionando não apenas COMO estamos fazendo, mas O QUÊ estamos fazendo? Para além da redução de danos, propõe-se pensar em abundância, com critérios objetivos e a partir de princípios regenerativos, valorizando a diversidade e visando, inclusive, uma transformação social para haver condições de vida mais justas e dignas para todos. Para aproximarmos essa concepção para a realidade da educação, podemos pensar além da intenção de reduzir o impacto negativo e considerar a circularidade em nossas ações, revisando o que escolhemos aplicar em sala de aula, assumindo a gestão dos resíduos e o exemplo de hábitos que compartilhamos como educadores.

Há coerência nessa abordagem na educação se considerarmos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no Brasil (ONU Brasil, 2022) expressos na Agenda 2030², onde, dentre outros, destaco a ODS 4 que aborda Educação de qualidade:

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. (ONU Brasil, 2022a)

Como também a ODS 12 - Consumo e produção responsáveis - sobre assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis onde encontramos os seguintes itens:

12.5 Até 2030, reduzir substancialmente a geração de resíduos por meio da prevenção, redução, reciclagem e reuso

12.8 Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza (ONU Brasil, 2022b)

A publicação Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem (UNESCO, 2017) tem o intuito de desenvolver competências por meio da

¹ Na metodologia C2C, criada pelo arquiteto norte-americano William McDonough e o engenheiro químico alemão Michael Braungar em 2002, há três princípios norteadores que são: considerar os resíduos como nutrientes, favorecer a entrada solar ilimitada e celebrar a diversidade (McDonough; Braungar, 2014 *apud* Gejer; Tennenbaum, 2015)

² A Agenda 2030 é a agenda de direitos humanos da ONU criada em 2015 para o desenvolvimento sustentável, como compromisso assumido pelos 193 países membros, inclusive o Brasil, para o período de 2016 a 2030.

Educação para Desenvolvimento Sustentável (EDS), promovendo a aprendizagem para as ODS, fornecendo orientações para professores e gestores, identificando objetivos de aprendizagens com sugestão de atividades e temas, além de descrever níveis de implementação em diferentes esferas.

A abordagem já bem estabelecida da educação para o desenvolvimento sustentável (EDS) capacita os educandos a tomar decisões informadas e adotar ações responsáveis para assegurar a integridade ambiental, a viabilidade econômica e uma sociedade justa para as gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2017, p. 11)

Para tanto, a realização de projetos de trabalho favorece o desenvolvimento de um fazer pedagógico direcionado e coerente, o que pode facilitar a realização do objetivo de desenvolver uma prática artística circular na educação.

2.2 Sobre os Projetos de Trabalho

Graça Proença (2018) aborda os projetos de trabalho onde, para além de uma metodologia, mas como uma atitude do educador, haja uma postura interdisciplinar onde a escola é um espaço de trocas para a construção de conhecimentos no sujeito a partir do grupo, valorizando seus interesses e incentivando a um comportamento investigativo e crítico, capaz de compreender sua realidade e transformá-la. A autora discorre um breve histórico sobre a pedagogia de projetos e salienta o tema como “um fio condutor da narrativa e do trabalho realizado” (Proença, 2018, p. 57), alinhando áreas do conhecimento a ações e procedimentos num caráter interativo e agregador.

A elaboração de projetos de trabalho colabora com algumas das dificuldades encontradas nas aulas de arte no ensino público, como, por exemplo, a dificuldade com a continuidade devido aos encontros fragmentados, assim como a precariedade de materiais disponíveis. Por meio do planejamento, é possível elaborar e estruturar a realização de atividades encadeadas em aulas sequenciais, além de refletir sobre as escolhas de materiais e suportes dentro da proposta idealizada. Valorizando sempre a coerência entre o que é apresentado e as práticas realizadas.

2.3 Economia Circular e o Ensino de Artes Visuais

Ao enxergarmos esse caminho, naturalmente percebemos que o sistema escolar precisa ser remodelado para se adequar a uma postura mais consciente e alinhada aos princípios expostos, o que parece inalcançável num primeiro momento. Porém, colocar-se em questionamento e ação é um primeiro passo para atingir gradualmente esses objetivos, estimulando essa transição necessária onde a educação tem um papel primordial.

Explorar ambientes e recursos naturais e favorecer a observação do entorno são passos consideráveis na direção desejada. Além disso, conhecer sobre os materiais escolhidos a serem utilizados, analisar as possibilidades de seus destinos no pós-uso (reaproveitamento, reciclagem ou conservação) e favorecer seu destino correto são algumas alternativas vigorosas de repensar o consumo e desenvolver consciência social e ambiental. Movimentar, por exemplo, a gestão de resíduos em parcerias com cooperativas é uma mudança que impacta não apenas os estudantes, mas influencia e expande a ação para familiares e a comunidade. E, ainda, considerar que apesar das vivências educativas proporcionadas serem o objetivo primordial no ensino, a culminância do projeto pode ter um papel amplificador.

Afinal, estruturar um projeto envolve todo o processo desde a concepção até a pós-produção e isso permite que, em sua elaboração e construção, sejam avaliadas as escolhas da atividade, como e com o que serão realizadas e, muito importante, o depois da ação em si. Assim, é possível pensar em práticas que favorecem tanto o reaproveitamento, dando um destino novo ao que seria descartado, quanto utilizar de elementos da natureza que atendam aos objetivos propostos e que, por sua composição orgânica podem ser compostados ou se integrar ao ambiente ao qual pertencem.

Pelo viés da Economia Circular, podemos pensar, por exemplo: no uso de tintas feitas com terra ou pigmentos naturais cujo fim, se destinados corretamente, são nutrientes e não tóxicos; fabricar os próprios materiais e a escolha dos suportes e meios, é um excelente meio de desenvolver a consciência crítica sobre a composição, percurso, consumo e destino desses recursos, além de favorecer a autonomia e ampliar perspectivas; proporcionar experiências onde não há resíduos ou práticas com materiais reutilizados até serem descartados corretamente, para a reciclagem; facilitar o convívio com a natureza e a realidade local, sobretudo diante de um desenvolvimento ético e estético por meio de atividades que evidenciam a percepção, o convívio e o respeito à diversidade da vida.

Da mesma forma, pensar o entorno no projeto de trabalho, é uma forma de valorização e reconhecimento de identidade local e abre caminhos para o progresso de uma educação que

valoriza seu patrimônio e cultura e também avalia e identifica transformações possíveis junto à comunidade, além de proporcionar a integração do que os educandos trazem a partir de suas realidades. Vigotski (2014, p. 3) nos afirma que: “é justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente”. No artigo sobre a arte como linguagem, Silvia Schroeder, referenciando Vigotski no que se refere à linguagem e desenvolvimento, diz:

As linguagens artísticas são alguns dos principais modos que o ser humano criou para significar o mundo e a si mesmo, e tanto o contato com produções artísticas da nossa ou de outras culturas quanto a prática em arte podem ser instrumentos poderosos de desenvolvimento e educação. (Vigotski, 2009 *apud* Schroeder, 2012, p. 78)

Não podemos pensar, então, o quanto a experimentação da arte e cultura, tanto no fazer quanto na apreciação e reflexão, pode instituir novos comportamentos afinados à proposta de repensar nossa existência no mundo?

Nessa direção, é importante considerar que podemos (re)aprender muito com as cosmovisões e práticas de comunidades essencialmente circulares, como são os povos

originários. A sabedoria indígena, por exemplo, nos ensina a nos vermos integrados com a natureza, e não separados dela.

Alguns povos têm um entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres. (Krenak, 2020a, p. 45)

Krenak (2020b) nos demonstra em palestras plenas de conhecimento e poesia, como essa dissociação nos adoece e ao planeta em que vivemos, porque não nos enxergamos como parte dele. Na cosmovisão indígena, rios, pedras e montanhas são compreendidos como parentes e permitem diálogos e direcionamentos. Como disse o próprio Krenak ao assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras recentemente, um rio para seu povo é uma entidade, não um recurso natural - o que nos demonstra e ensina sobre relacionamento e respeito com outras formas de existência.

O autor demonstra um entendimento do conceito de humanidade como excludente e nocivo por se erguer numa lógica homogeneizante e insequentemente consumista, o que nos trouxe ao abismo de nosso rastro de ocupação nomeado como Antropoceno e suas trágicas consequências. Segundo os cientistas Paul Crutzen e Eugene F. Stoermer (2020) Antropoceno seria a marca geológica da ocupação humana na Terra, onde a massa de objetos produzidos pelos homens superou a massa de seres vivos existentes no nosso planeta. Marcada por alguns

eventos como o advento da agricultura, a revolução industrial, a invenção do plástico, do concreto e da energia nuclear e as consequências que levaram ao aquecimento global e a um futuro incerto da Terra e da nossa sobrevivência como espécie, assim como de várias outras que vem sofrendo processo de extinção.

Como podemos perceber, há um respeito orgânico à diversidade que se reflete no modo de viver dos povos originários, integrado à natureza, por meio do qual podemos refletir e avaliar nossa postura como indivíduos e como sociedade, favorecendo, sobretudo, uma estética das relações com o propósito de nos (re)posicionarmos diante do mundo.

2.4 O social na Educação Circular e o sentimento de Ubuntu

Em uma entrevista no episódio #94 do podcast Rádio Escafandro, Tomás Chiaverini fez o seguinte questionamento a seu convidado: “Faz sentido em 2023 a gente ainda ter escola do jeito que a gente tem? Não seria preciso mudar radicalmente a forma como tudo funciona?” (2023). O educador, antropólogo e folclorista brasileiro Tião Rocha entregou a seguinte resposta: "Eu acho que se a gente olhar para o que está posto, não suporta reforma. Ou você reconstrói ou você reproduz" (Rádio Escafandro, 2023),

Tião Rocha é idealizador e diretor-presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD, criado em 1984, em Curvelo, Belo Horizonte/MG, onde desde então realiza projetos de escuta, acolhimento e Compartilhamento, orientados para a Biointeração e transformação social. Seu exemplo de germinação como educador, acalenta a semente latente que todo sonhador carrega consigo com sua vontade de realização. A partir de sua entrega e prática diferenciada, além de demonstrar que outro modo é possível, Tião Rocha reverbera o entendimento do conceito ancestral de Ubuntu, que é descrito pela autora Mungi Ngomane da seguinte forma:

Para mim, é uma palavra pequena, mas que consegue encapsular uma grande ideia. Originária de uma filosofia sul-africana, ela abrange todas as nossas aspirações sobre como viver bem, em união. Sentimos *ubuntu* quando nos conectamos a outras pessoas e compartilhamos certo senso de benevolência; quando ouvimos com atenção e experimentamos um vínculo emocional; quando tratamos a nós mesmos e aos outros com a dignidade merecida. (Ngomane, 2022, p. 13)

Em sua atuação no mundo, Mungi Ngomane (2022) demonstra seguir os ensinamentos que recebeu de seus familiares, especialmente o seu avô, Desmond Tutu³. Crescendo em um ambiente com sentido de comunidade, aprendizagem e luta e seguindo a filosofia de Ubuntu para uma experiência de vida melhor, a autora afirma que Ubuntu é o princípio do trabalho de vida de seu avô, a Tutu Foundation UK - da qual é patrona - e que deseja compartilhar essa filosofia de vida, assim como segui-la em seu dia a dia. Um dos grandes estímulos que Mungi Ngomane traz em seu livro *Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos* (2022) trata da força da união e da persistência ao acreditar em algo. Ao ousar falar ou agir, descobrimos que somos uma voz dentre várias e que possivelmente encontramos outros que também desejam mudanças: “Mesmo como indivíduo, você pode fazer a diferença. Pode intervir e afetar a narrativa. Estando preparado para pôr as mãos na massa, você pode incentivar outras pessoas a fazer o mesmo”. (Ngomane, 2022, p. 40)

Entretanto, diante da realidade, em especial das escolas públicas brasileiras, o cenário nunca parece muito propício a experimentar e ousar fazer mudanças, especialmente com o passar dos anos de magistério, muitas vezes em condições precárias e sobrecarga de trabalho. É muito comum a dificuldade de engajamento da equipe pedagógica, sobretudo diante da proposta de um novo projeto - o que parece sugerir a ideia de ainda mais trabalho e desafios, já que pode realmente exigir o envolvimento de outros agentes dentro da escola, como no caso de implementar a gestão de resíduos, por exemplo.

Infelizmente essa realidade não pode ser ignorada, porque é comum o quadro de desânimo em razão de uma jornada de trabalho penosa ou mesmo desvalorização profissional, o que leva ao afastamento de diversos professores por motivos de saúde. É importante destacar que “A profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), como uma das mais estressantes, com forte incidência de elementos que conduzem à Síndrome de Burnout” (Carlotto, 2011).

Diante dessa perspectiva, vale ressaltar a abordagem que a *iniciativa Ideia Circular faz da metodologia *C2C* para a realidade brasileira, que é completamente diferente das de seus criadores. Da europeia em especial, justamente em consequência da colonização imposta que nos constituiu como “civilização” - totalmente linear e à custa de muita violência, apagamentos e subordinação. Assim, se reforça a importância da regeneração social, de modificar as

³ Ativista pelos direitos humanos, o arcebispo comandou diversas marchas e campanhas pelo fim do apartheid de forma não violenta, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1984, além de defender diversos outros assuntos de relevância mundial. Cunhou o termo “Nação Arco-Íris” para se referir à África do Sul após as primeiras eleições democráticas em 1994, simbolizando a unidade e união das culturas, descrevendo a mistura étnica do país. (Ngomane, 2022)

condições de desigualdade e injustiça e dar atenção a diversas perspectivas da realidade brasileira:

A perspectiva dos catadores e catadoras, a perspectiva dos povos indígenas, dos povos negros, do movimento negro, dos movimentos de mulheres, enfim, de tantas frentes que vêm trabalhando por transformação e regeneração social. E que podem ajudar a gente a pensar de uma forma mais profunda e original qual poderia ser uma contribuição brasileira para esse movimento internacional da Economia Circular. (Gerje; Tennebaum, 2015)

Também consoante à filosofia Ubuntu, essa abordagem das autoras nos trazem a importância de pensar em:

[...] como regenerar esse nosso tecido social, que está tão desgastado. Como reparar essas injustiças. Como trazer dignidade e bem-estar para todas as pessoas. Como a gente cultiva empatia e solidariedade. Pra poder viver em paz, e viver bem, um com o outro. (Gerje; Tennebaum, 2015)

Considerando o enfoque na educação, dentro do contexto anteriormente apresentado, é importante avaliar como produzir essa atuação circular, mesmo que gradativamente, nesse contexto da necessidade da melhoria das condições de trabalho, em especial ao cuidado à saúde mental dos educadores.

Pesquisadora sobre trabalho e produtividade e criadora do site Vida Organizada, Thais Godinho é autora de vários livros sobre organização e apresenta a ideia de Produtividade Compassiva (Godinho, 2023a), independente da eficiência na gestão de tempo que cada um tem da própria vida: a partir de pequenas mas importantes iniciativas, como, por exemplo, aprender a identificar o que é essencial para priorizar e valorizar o autocuidado, reservando pequenas pausas na agenda para cuidar de si, procurando sempre um equilíbrio saudável. Segundo a autora: “A produtividade compassiva é a abordagem que busca equilibrar a busca por resultados com a empatia, compaixão e bem-estar pessoal. É uma maneira de trabalhar de forma mais inteligente, não mais dura” (Godinho, 2023a). Thais nos diz que:

A produtividade compassiva não se trata apenas de gerenciar o tempo de forma eficiente, mas sim de cultivar uma mentalidade saudável em relação ao trabalho e às demandas diárias. Isso significa que você pode praticar a produtividade compassiva mesmo que tenha um horário agitado ou uma agenda cheia. O foco está em priorizar o que é realmente importante, estabelecer limites saudáveis e adotar práticas que promovam o bem-estar, mesmo dentro das restrições de tempo. (Godinho, 2023b)

Dessa forma, reforço mais uma vez a importância de um planejamento articulado, construindo um projeto de trabalho que seja coerente com uma proposta circular, onde a qualidade de vida daqueles que compartilham e aspiram a um mundo mais justo e melhor seja igualmente contemplada. Ao estruturar um projeto de trabalho, destacando a importância da preservação da saúde para que seja sustentável, é fundamental um planejamento realista, criativo, mas adequado à realidade que se tem, incluindo como diretrizes também autocuidado (para todos) e valorização profissional dos agentes envolvidos. E lembrar sempre que a pausa é tão importante quanto o movimento.

3. CONCLUSÃO

O ensino de arte pode proporcionar através da promoção de um trabalho pedagógico consistente, o desenvolvimento crítico do sujeito inserido no coletivo e atuante no mundo a partir de suas escolhas e hábitos. Aprender com diferentes culturas e manifestações de vida sobre como conviver em sociedade de forma saudável e criativa diante da diversidade, favorece uma mudança comportamental capaz de se refletir no entorno e modificar a realidade.

A Economia Circular nos mostra caminhos para repensar nossos fazeres, mesmo que de modo desafiador diante de um contexto muitas vezes desfavorável. A postura pesquisadora do docente diante do desenvolvimento de projetos de trabalho se apresenta como um caminho propício para a reflexão, para avaliar e transformar nossas práticas e impactos, além de beneficiar a construção de aprendizagens significativas.

Esse é um primeiro movimento que faço para levar ao ensino de Artes uma revisão de práticas e materiais nocivos ao meio ambiente e que são utilizados de forma recorrente, mas que podem ser substituídos ou reduzidos em seu uso. Certamente aparecerão lacunas, desdobramentos e revisões necessárias. Esse produto educacional está aberto ao desenvolvimento coletivo, através de apropriação respeitosa e Compartilhamentos éticos. Afinal, é importante considerar que o que deixaremos para as próximas gerações estamos preparando agora.

REFERÊNCIAS

- CARLOTTO, Mary, S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Out-Dez 2011, v. 27 n. 4, p. 403-410. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. O “Antropoceno”. Tradução: J. Mendes. **Anthropocena - Revista De Estudos Do Antropoceno e Ecocrítica**, v.1, 2020, p.113-116. [s. l.]. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/issue/view/137/112Anthropocena>. Acesso em: 25 de nov. 2023.
- DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**: guia enciclopédico da arte Moderna. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.
- DOS SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Towards the Circular Economy**: Economic and Business Rationale for an Accelerated Transition, 2012. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/publications/ElleMacArthur-Foundation-Towards-the-Circular-Economy-vol.1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **O que é a economia circular?** [201?-]. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/temas/economia-circular-introducao/visao-geral> Acesso em: 22 jan. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEJER, Léa; TENNENBAUM, Carla. **Ideia Circular**, 2015. Página Inicial. Disponível em: <https://ideiacircular.com/>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- GODINHO, Thais. **Meu primeiro artigo sobre produtividade compassiva**. Vida organizada, 2023a. Disponível em: <https://vidaorganizada.com/2023/11/08/meu-primeiro-artigo-sobre-produtividade-compassiva-publicado/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- GODINHO, Thais. **Uma produtividade compassiva é apenas para pessoas que têm controle total sobre seu tempo e agenda?** Vida organizada, 2023b. Disponível em: <https://vidaorganizada.com/2023/06/15/uma-produtividade-compassiva-e-apenas-para-pessoas-que-tem-controle-total-sobre-seu-tempo-e-agenda/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LEONARD, Annie; CONRAD, Ariane. **A história das coisas**: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo o que consumimos. Revisão por André Piani Besserman Vianna e Tradução de Heloisa Mourão. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias**: eu sou porque nós somos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas do Brasil. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas do Brasil. **4 Educação de qualidade**. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, 2022a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ONU BRASIL – Organização das Nações Unidas do Brasil. **12 Consumo e produção responsáveis**. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, 2022b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/12>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática Docente**: a abordagem de Reggio Emília e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Panda Educação, 2018.

QUINTAIS BRINCANTES, **Quintais Brincantes**: Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras. Instituto Alana, 2022. 110p. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wpcontent/uploads/2022/03/QuintaisBrincantesSobrevoos-por-Vivencias-EducativasBrasileiras.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023

ROCHA, Tião. **O professor, a fanfarra e o pé de manga**. [Entrevista cedida a:] Tomás Chiaverini. Rádio Escafandro, #94. [s. l.]. Jul. 2023. Disponível em: <https://radioescafandro.com/2023/07/11/94-o-professor-a-fanfarra-e-o-pe-de-manga/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif. A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas na educação infantil. **Leitura**: Teoria & Prática. Associação de Leitura do Brasil (ALB), Campinas, SP, v. 30, n. 58, p. 77-85, 2012. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/9>. Acesso em: 22 jan. 2023.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2009,

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Objetivos de aprendizagem**, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000252197>. Acesso em: 11 set. 2023.

APÊNDICE A - O PRODUTO EDUCACIONAL

Figura 1 - Arte têxtil confeccionada com materiais novos e com reaproveitamento de resíduos – Thaiza Duarte, 2007



Querida/o educadora/o,

Esse produto educacional foi elaborado afetuosamente para você e também para artistas, gestores e agentes de transformação que tenham interesse pela revisão de práticas usuais e em contribuir para uma mudança de perspectiva.

Sejam bem vindas/os!

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que evoca, antes de tudo, um posicionamento de presença ao momento presente e de respeito pela natureza e a nós mesmos, individual e coletivamente. Na contramão do sentido de urgência que se impõe na contemporaneidade, pretende-se envolver os participantes nas manualidades, reverenciando o tempo essencial para a realização de cada atividade. E, assim, favorecer a apreensão do que, como, porquê e com o quê se faz arte, priorizando preservar o meio ambiente e o que ainda se entende por recursos naturais ao invés de compreender como formas de existência.

Conhecer a origem e as características de cada material, como manipulamos os recursos utilizados e a responsabilidade que temos sobre nossos resíduos, promove uma reflexão sobre consumo consciente e o impacto de nossas escolhas. Para que isso seja possível no ensino de artes, é fundamental a continuidade e a cadência das atividades organizadas de acordo com a disponibilidade de aulas para os encontros. Para tanto, esse produto educacional permite elaborar o desenvolvimento da proposta de acordo com o calendário escolar.

Use-o, adapte-o para as suas necessidades, compartilhe!

Tenho grande satisfação e otimismo por seu interesse em práticas regenerativas para um mundo melhor!

Grande abraço,

Thaiza Duarte ·

APRESENTAÇÃO

Neste produto educacional estão reunidas práticas e materiais não poluentes como sugestão de substituição àqueles comumente usados em atividades artísticas, com a intenção de estruturar o ensino de arte sob o viés da Economia Circular. Aborda pontos estruturais como conservação da produção artística ou gestão dos resíduos, posicionamento para uma Educação Circular, análise de alguns materiais usuais com a apresentação de outras opções saudáveis e planos de aula integrados a um projeto de trabalho, onde educadores podem utilizá-lo conforme exposto ou adaptá-lo para as suas necessidades. Com o objetivo de conscientizar sobre os recursos escolhidos e a necessidade de gerenciar os impactos que provocamos, pretende-se apontar uma direção efetivamente sustentável para práticas educativas que refletem uma postura responsável em relação ao meio ambiente e todas suas formas de vida.

Esse produto educacional foi construído visando também instrumentalizar educadores para que se evite a prática de *greenwashing*⁴ em atividades de reaproveitamento. O que ocorre quando são usados materiais reutilizados, mas que, ao fim, o material manipulado se torna lixo. Você verá que com planejamento, é possível estruturar as atividades pedagógicas diante de uma compreensão mais ampla sobre o que é proposto, considerando também o depois da realização. E assim, espelhar para os estudantes no processo de ensino, a reflexão sobre a escolha dos materiais, de acordo com a proposta a ser trabalhada e definir qual será o destino final dos materiais utilizados após a conclusão do projeto.

E, embora o contexto da arte e da educação, de um modo geral, seja baseado em cooperação e não em competitividade, me aproprio do conceito de Código Aberto⁵, que é comumente usado no desenvolvimento de softwares (e dentro do qual a própria Internet foi desenvolvida) onde o exercício de compartilhar, desenvolver e aprimorar um produto é regido dentro de um cenário ético e colaborativo. Assim, procurei reunir referências e soluções para a Circularidade na prática artística e da arte educação, com essa proposta de compartilhar, experimentar e desenvolver o conhecimento em rede. Para tanto, ao final deste trabalho deixo um canal de comunicação aberto para trocas e feedbacks através de um formulário e contato de e-mail para que possamos juntas/os, amplificar essa mensagem e ir fazendo nossa parte nesse processo de transformação, enquanto os resultados são aprimorados colaborativamente.

⁴ Greenwashing ou “maquiagem verde”, é um termo utilizado quando alguma organização ou pessoa alude à ideia de sustentável e ecológico em relação a produtos ou atividades sem efetivamente serem responsáveis pelo impacto que causam no meio ambiente.

⁵ Saiba mais lendo esse artigo, disponível em <https://www.linkedin.com/pulse/c%25C3%25B3digo-aberto-para-sustentabilidade-viviane-matioli--foxqf/>.

AGORA VAMOS ENTENDER ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES.

1. ECONOMIA CIRCULAR E A GESTÃO DE RESÍDUOS NO ENSINO DE ARTES

O sistema de produção linear vigente e o descarte incorreto de resíduos contribuem com as mudanças climáticas que causam desequilíbrio dos ecossistemas da Terra e afetam sua biodiversidade, ameaçando a qualidade de vida, assim como a existência da própria espécie humana. Além disso, a manutenção do modo de consumo atual evidencia a desigualdade social, prejudicando pessoas em situação de vulnerabilidade - já que são os mais impactados pela produção e descarte incorreto de lixo. Na Economia Circular, compreendemos, por exemplo, a importância dos catadores de resíduos, que são, na verdade, os agentes responsáveis pelos detritos do nosso consumo chegarem a seus destinos corretos e permanecerem no ciclo produtivo através da reciclagem. Compreende-se então, que na verdade não existe lixo, mas recursos, desde que sejam destinados corretamente.

Figura 2 - O atual sistema linear de produção



Fonte: Economia Circular na Prática - entenda, desenhe, transforme. Disponível em: <https://ideiacircular.com/>.

Acesso em: 21 fev. 2022

É fundamental compreender que a Economia Circular⁶ propõe uma mudança sobre o atual sistema linear de produção, que extrai recursos naturais da natureza, os beneficia para os devidos fins e ao final do consumo descarta de forma inadequada, gerando grandes problemas ambientais e sociais. Para converter esse sistema produtivo prejudicial, a metodologia para a Economia Circular *Cradle to Cradle* (C2C)⁷ é uma ferramenta para a construção de uma economia efetivamente sustentável e sobre a qual construo esse trabalho. Criada pelo arquiteto norte-americano William McDonough e o engenheiro químico alemão Michael Braungar em

⁶ Entenda melhor o que é Economia Circular em <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/temas/economia-circular-introducao/visao-geral>.

⁷ Conheça mais sobre a metodologia C2C em <https://ideiacircular.com/o-que-e-cradle-to-cradle/#:~:text=O%20design%20Cradle%20t>.

2002, se estrutura em três princípios norteadores que são: considerar os resíduos como nutrientes, favorecer a entrada solar ilimitada e celebrar a diversidade (Gejer; Tennenbaum, 2015).

Para compreender o destino correto dos resíduos, a metodologia C2C considera dois ciclos, o biológico e o tecnológico⁸, que nos auxiliam a projetar nossas atividades, tendo em vista como manter os materiais em circulação, não gerar lixo e evitar a extração de novos recursos. É orgânico perceber a qual ciclo pertence cada material após um mínimo de observação atenta. Da mesma forma, essa coerência se reporta também para a prática educativa no ambiente escolar. Através da compreensão dessa questão é possível elaborar as atividades a serem realizadas, considerando como manter a Circularidade e promover conscientização ambiental: transformando hábitos por meio da implementação de práticas educativas, capazes de valorizar uma educação artística integrada a uma realidade plural e fértil.

Na elaboração do planejamento, é possível e importante que durante a escolha dos recursos e materiais se considere que os resíduos e resultados sejam tratados e destinados corretamente para que permaneçam no ciclo produtivo, respeitando a composição de cada um. Se a proposta gera, além do processo educativo em si, uma “obra”, é válido expor essa produção e considerar sua conservação. De qualquer maneira, é essencial coordenar a gestão de resíduos durante todo o projeto, definir formas também circulares de expor os trabalhos realizados e, depois, conservar ou destinar corretamente esses trabalhos, de modo que não se tornem lixo por serem descartados indevidamente após o término do projeto.

Além disso, nem sempre há a necessidade de se ter ao fim de cada atividade um objeto, um resultado material. E não apenas porque em educação o processo pedagógico é mais importante que o resultado, mas pela constituição da proposta em si, que pode ter uma natureza efêmera, como atividades educativas sobre obras de *Land Art*, por exemplo.

2. EDUCAÇÃO CIRCULAR COMO CAMINHO

O primeiro passo para uma Educação Circular é, então, o consumo consciente, facilitando a compreensão dos materiais utilizados e sua vida útil, destacando a relevância da gestão de resíduos e, inclusive, a conscientização do poder que temos como consumidores: refletindo se o que vamos consumir é realmente necessário e escolhendo como e o que compramos, cientes dos impactos que geramos. Ou ainda: a valorização de realizar reparos no

⁸ Compreenda sobre os ciclos biológicos e tecnológicos aqui: <https://ideiacircular.com/ciclo-tecnico-e-ciclo-biologico>.

que pode ser consertado, prezar pela preservação dos bens que já temos, incentivar a criação de áreas comuns com ferramentas compartilhadas, fortalecer a prática de reaproveitamento e considerar o consumo de itens de segunda mão, que já existem e não necessitam de novos recursos para serem produzidos.

Além disso, é prioritário favorecer a gestão de resíduos na escola, envolvendo todo o corpo escolar e implementando a Sustentabilidade como pauta transversal no ensino. Para tanto, a parceria com cooperativas e catadores da região é um caminho para essa mudança no ambiente escolar, que se reflete a partir de cada um e que pode, ainda, levar essa semente para sua própria casa e família, aumentando o alcance desse trabalho de conscientização e transformação.

Outro aspecto importante é a promoção de uma educação decolonial e antirracista, que valoriza a identidade e o patrimônio natural e cultural de sua região, favorece a diversidade em seu sentido mais amplo e preza pelo respeito e empatia. Bispo dos Santos (2023) narra que o modo de dominação do colonialismo se deu pela desterritorialização e quebra da identidade dos povos escravizados, com o afastamento e negação dos seus costumes, crenças e tradições, impondo-lhes outros nomes e modos de viver. E que, para isso, “o processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta” (Santos, 2023, p.12). Como técnica de defesa, explica que adotou algumas denominações (conceitos, na academia) dos modos e das falas para contrariar o colonialismo, enfraquecendo as palavras coloniais. Optei por adotar algumas delas, congruente a esse pensamento, como Compartilhamento, no que se refere a dinheiro ou trocas. E Biointeração, em substituição ao Desenvolvimento Sustentável, por concordar com o autor que “o desenvolvimento desconecta (...), que é uma variante da cosmofofia” (Santos, 2023, p. 14) e pela falta de precisão que o termo sustentabilidade, que é amplamente usado, carrega consigo em comparação ao que propõe a Economia Circular, de forma mais assertiva.

3. DESIGN CIRCULAR NO ENSINO DE ARTE

Segundo a metodologia C2C, a Economia Circular não se baseia na redução de danos, mas propõe meios regenerativos de produção. Podemos priorizar aplicar esses conceitos em nossas práticas educativas, evidenciando-as, a fim de que os estudantes aprendam organicamente, a partir da vivência e do exemplo. No quadro abaixo, apresento esses valores com algumas ideias de aplicação em cenários que podem ser alcançados.

Tabela 1: recursos educativos a partir da metodologia C2C

ENERGIA	Favorecer a energia solar ilimitada	<ul style="list-style-type: none"> ● Aulas externas ● Espaços da natureza ● Ambientes com iluminação natural;
RESÍDUOS	Resíduos como nutrientes	<ul style="list-style-type: none"> ● Materiais da natureza, que retornam à natureza, desde que mantidos no ciclo biológico; ● Tintas e colas compostáveis; ● Uso de materiais orgânicos; ● Gestão de Resíduos; ● Criação de espaços de convivência com reaproveitamento e elementos da natureza;
DIVERSIDADE	Celebrar a diversidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Valorizar a diversidade de espécies; ● Promover uma educação decolonial; ● Favorecer um ensino laico, inclusivo e múltiplo; ● Valorização do fazer de cada um dentro de uma equipe, em condições de trabalho justas e dignas;

Fonte: A autora, 2024

Para iniciar a construção deste produto educacional ancorado na Economia Circular, valorizando a Biointeração, reforço a importância de se questionar e refletir sobre os materiais que serão utilizados, independente da temática abordada. Esse pensamento circular se ampara na frequente pergunta essencial:

O QUE ACONTECE DEPOIS QUE A AULA É CONCLUÍDA?

E para lidar de forma responsável com essa questão, é essencial ponderar sobre o destino do que será produzido durante as aulas desde a elaboração da proposta. Dentro dessa perspectiva, é fundamental, então, fazer algumas considerações durante a construção do projeto de trabalho no ensino de arte, diante de cada atividade que estiver sendo elaborada:

1. Quais as características do material que será utilizado: de onde ele vem? Como é produzido? Para onde ele vai depois e como?
2. Essa atividade gera um resultado que possa ser conservado, assim como uma obra de arte? Como conservá-lo ou compreender sobre sua composição efêmera? Quais materiais são apropriados para essa finalidade?
3. Essa atividade gera resíduos? De qual tipo? São tóxicos ou nutrientes? Como destiná-los corretamente para que a proposta feche o ciclo?
4. Como é o ambiente em que se dão as atividades? É possível favorecer a iluminação natural? Ou ainda: é viável propor atividades em contato com espaços de natureza?
5. Ao final do projeto, teremos uma apresentação? Como produzir isso mantendo a proposta de circularidade?

Diante desse direcionamento, torna-se fundamental conhecer sobre a natureza dos materiais, refletir sobre como temos acesso a eles e os manipulamos. E o que fazemos após concluir as atividades, incluindo transversalmente esse conhecimento durante toda a realização do projeto. Essa postura no fazer pedagógico estimula de forma natural a reflexão sobre consumo consciente e o desenvolvimento de uma relação afetuosa com tudo o que nos cerca, inclusive os objetos e seres vivos com os quais lidamos nas atividades e em nossa convivência. Há assim, a possibilidade (ou ao menos a aspiração) de promover uma mudança comportamental por meio do projeto, sobretudo em relação a atendermos às nossas necessidades sem prejudicar as gerações futuras.

4. PROJETO DE TRABALHO E PRÁTICAS CIRCULARES NO ENSINO DE ARTES

Para esse produto educacional, desenvolvi um projeto de trabalho com sugestão de atividades circulares para o ensino de artes. É muito válido fazer registros fotográficos e anotações para avaliar, durante e depois, a prática educativa. Inclusive, o uso de portfólio, tanto do próprio professor quanto dos estudantes, é uma ferramenta em potencial para avaliar a própria prática e a relação entre ensino e aprendizagem. Não adotei o uso de portfólios nesse trabalho junto às sugestões de atividades, mas indico como possibilidade durante o projeto.

Após elaborar o plano de trabalho de acordo com o calendário escolar, ao iniciar o encontro com os estudantes, é importante apresentar a eles a proposta geral do projeto educativo com seus objetivos, o período de duração do projeto e como será o processo de avaliação de acordo com o desenvolvimento das atividades. Cientes do caminho a percorrer, é pertinente que

a/o educador(a) considere a realidade de seus grupos e de seu entorno, favoreça a escuta e o diálogo, valorizando o que seu público já traz de conhecimento. Naturalmente isso pode implicar em adaptações em seu planejamento e essa prática reflexiva precisa ser considerada no calendário de planejamento do projeto. Da mesma forma, ao estimular a participação do grupo, é fundamental a preparação prévia das atividades previstas, especialmente as que exigem coleta de materiais ou algum tipo de preparo anterior. Essa prática estimula a autonomia e organização dos estudantes e promove uma ação educativa integrada e participativa.

5. A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE RESÍDUOS

É conveniente a implementação da coleta seletiva na escola para que a narrativa não se encerre no discurso e se torne efetiva e visível aos estudantes. Isso naturalmente envolve todo o corpo escolar em um trabalho conjunto com a equipe pedagógica. Afinal, é necessário engajar a todos para o armazenamento do material reciclável até os dias de coleta pela cooperativa, conscientizando sobre a limpeza simples de restos orgânicos dos recicláveis entregues e a organização dos mesmos num espaço próprio para isso, com a manutenção necessária para evitar vetores e causar transtornos. Isso pode ocorrer, por exemplo, através de gamificação em projetos na escola – envolvendo os estudantes. Realizar uma gincana na escola entre as turmas, por exemplo, seria um caminho de realizar essa mobilização. Independentemente disso, é de grande ajuda, caso haja disponibilidade, destinar algum responsável para essa gestão. No caso dos resíduos orgânicos, o ideal é que sejam destinados à compostagem, envolvendo as merendeiras e/ou cantinas das escolas, o que pode estar associado à implantação de um jardim de acordo com as instalações da escola, trazendo benefícios e diversos desdobramentos pedagógicos.

Com esse posicionamento, além de fortalecer o entendimento de que resíduo não é lixo e da mudança de visão sobre as embalagens e constituição dos produtos que consumimos diariamente, para completar, é válido trabalhar também a conscientização sobre a importância dos catadores de lixo como agentes protagonistas na Economia Circular, já que são os principais responsáveis por essa travessia do descarte à reciclagem. Em sala de aula, é possível estimular e acostumar os estudantes a organizarem o que há de material disponível para ser reutilizado e separarem os resíduos das atividades ao fim de cada aula. É uma forma didática de estruturar o hábito de olhar para cada material e enxergar suas características e potencialidades.

Para compreendermos melhor a estrutura deste trabalho, reafirmo a importância de refletirmos sobre as características dos materiais que são utilizados de modo recorrente nas

aulas de arte e no ambiente escolar como um todo, seu ciclo de vida e potencial de reciclagem de acordo com suas condições no pós-uso. Além do impacto que causam no meio ambiente quando descartados indevidamente. Por mais que seja uma informação comum e antiga, o grande desafio desse trabalho de conscientização é conseguirmos modificar a postura que ainda temos diante dessa realidade. Adiante, apresento cada um dos materiais selecionados, com sugestão de possíveis substituições saudáveis, além de sinalizar ações que inviabilizam que esses materiais permaneçam no ciclo. Também apresento artistas que dialogam com essas escolhas circulares ou que, de alguma forma, evidenciam esse debate. E, ao final, encontra-se um Projeto de Trabalho elaborado a partir dessa pesquisa, estruturado em uma sequência de atividades e introdução a receitas caseiras que podem ser aplicadas nas respectivas propostas.

6. DICAS DE AÇÕES QUE VISAM A GESTÃO DE RESÍDUOS

COLETIVO VIDA SEM LIXO

Criado em 2020, o Coletivo Vida sem Lixo⁹ é composto por profissionais de diferentes realidades que se uniram com o objetivo de criar um canal para divulgar informações e conscientizar sobre resíduos sólidos. Em parceria com Toninho Catador, da Conexão SA e a UNIFAL/MG, produziram a “Cartilha Gestão de Resíduos Sólidos” com tabelas informativas claras sobre quais materiais são ou não reciclados e dicas de como separar e organizar para o descarte, informações sobre os resíduos, além de orientação de como implementar a gestão de resíduos escolar e sugestões de atividades para um programa de educação ambiental voltado a essa temática.

CATAKI, VIDA SEM LIXO E CONEXÃO S.A

Há uma iniciativa de alguns catadores que ensinam como identificar embalagens e resíduos recicláveis ou não, o que nos ajuda a, de forma consciente, incentivar ou evitar alguns produtos na hora de comprá-los. Como a catadora Laura Cruz e seu projeto Cataki¹⁰, que produz uma série de vídeos ensinando quais embalagens são recicláveis ou não e Toninho¹¹ catador do

⁹ Veja mais sobre o projeto no instagram oficial: <https://www.instagram.com/vida.sem.lixo/>.

¹⁰ Cataki - <https://www.youtube.com/watch?v=o0PE-5fSw4g>.

¹¹ Toninho “Catador” - <https://www.youtube.com/watch?v=5SOdUUwv9kg>.

Conexão SA, também integrante do Vida sem Lixo, da Rede NOZ e que participa de diversas iniciativas e movimentos, inclusive atividades educativas junto a escolas e organizações.

DESCARTEIRA

É possível construir locais de separação dentro da própria sala, um exemplo é o trabalho criado por Ana Borda, da Lixiki, as Descarteiras¹². Cujas propostas é a de substituir as lixeiras e dar condições de organizar os materiais para possíveis reaproveitamentos.

Figura 3 – Descarteira – Ana Borba, 2022



Fonte: Foto disponibilizada pela autora Ana Borba, 2022.

¹² Veja mais sobre o projeto no instagram oficial: <https://www.instagram.com/p/CiTGEz7OVca/?igsh=MWV6M3FkeHBrdmhpOQ%3D%3D>.

AGORA, VAMOS FAZER ESCOLHAS MAIS CONSCIENTES?



COLAS E FITAS ADESIVAS



Optei por iniciar com esse material por estar regularmente presente em atividades e hábitos diversos, inclusive em atividades que serão abordadas nos outros materiais. Há uma imensa variedade de colas sintéticas para diferentes fins, que inviabilizam a reciclagem de outros materiais que poderiam ser reciclados, quando associadas a eles. Por exemplo, ao colar garrafas pet com determinadas colas industriais ou usar fitas adesivas, assim como em plásticos ou em papéis. Com exceção da cola branca (PVA) que volatiliza durante o aquecimento do processo de reciclagem. Mesmo assim, por ser derivada do petróleo, é importante evitar seu uso, considerando que é frequentemente usada no ambiente escolar e em nossas casas.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Para que a reciclagem seja possível, cada elemento precisa estar sem mistura de outros materiais, como é o caso de papéis plastificados, fita adesivas como a fita crepe, embalagens de refil de produtos ou de alimentos (plástico metalizado por dentro), entre outros.

Para algumas colas e fitas temos alternativas comerciais ecológicas, comercializadas ou fáceis de serem feitas em casa com materiais simples e baratos. Como substituição às fitas adesivas temos a fita gomada (sem reforço) que é feita com papel e goma arábica. Para a tradicional cola branca temos algumas alternativas caseiras, como a cola de farinha de trigo, de amido de milho, de goma arábica ou comprar, pela internet, a cola vegetal de mandioca ou de amido modificado, cola de goma arábica industrial e o poliuretano vegetal obtido a partir do óleo de mamona (*Ricinus Communis*), que é um impermeabilizante que pode ser usado como alternativa de substituição a vernizes e colas. Para as colas caseiras há uma infinidade de receitas disponíveis na internet, mas algumas indicam o uso de uma pequena parte de cola PVA adicionada à receita, o que inviabilizaria manter o material trabalhado no ciclo biológico.



MOMENTO DICAS E RECEITAS

COLA DE FARINHA DE TRIGO FEITA NO FOGÃO

Coloque 1 xícara e meia de água para ferver numa panela. Em outra vasilha coloque 2 colheres de sopa de farinha de trigo para dissolver em meia xícara de água fria. Assim que a água atingir o ponto de ebulição coloque a farinha dissolvida na água fria e mexa por mais ou menos 10 minutos ou até atingir o ponto de mingau. Nesse momento deixe o fogo no mínimo e continue mexendo por mais 10 mim. Assim que a mistura estiver desprendendo da panela, desligue o fogo e coloque 1 colher de vinagre branco ou de própolis (que são fungicidas e vão auxiliar na conservação) e mexa muito bem. Assim que esfriar coloque num pote hermético e guarde na geladeira. Essa cola pode durar até 20 dias.

COLA DE FARINHA DE TRIGO SEM FOGO

Misture: 100 g ou 1 xícara de farinha de trigo, 4 colheres de sopa de óleo (girassol, por exemplo) e água para diluir. Depois coloque num pote com vedação. Pode acrescentar algum fungicida natural. Dura até 3 dias. Você deve mexer sempre antes de usar.



DESTACADA A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR A INTEGRIDADE DOS MATERIAIS PARA POSTERIOR RECICLAGEM, É IMPORTANTE CONSIDERAR FORMAS DE EVITAR O USO DE COLA EM DETERMINADAS ATIVIDADES, SUBSTITUINDO A COLAGEM ATRAVÉS DE COSTURAS, AMARRAÇÕES, ENCAIXES OU ALTERNATIVAS QUE A CRIATIVIDADE NOS APONTE.



DICAS DE OBRAS, AÇÕES E ARTISTAS

PUFF DE GARRAFA PET SEM FITA ADESIVA

No projeto Meio Ambiente através da Arte, Carla Tennenbaum (Ideia Circular) assessorou jovens a desenvolverem um puff criado a partir do reaproveitamento de garrafas pet sem o uso de cola ou cola. Dessa forma, ao se deteriorar após o uso, os materiais podem ser separados e destinados à reciclagem.

→ Assista ao tutorial passo a passo em:

https://www.youtube.com/watch?v=Fw_iplA00Y

Figura 4- Jovens e Puff do projeto Jovens Urbanos, Lajeado - Carla Tennenbaum, 2010



Fonte: <https://www.caobaum.com/portfolio>. Acesso em: 05 ago. 2024

PAPEL



O papel é um material que sempre foi e ainda é usado em larga escala na produção artística. Extremamente versátil, há diversas técnicas empregadas utilizando-o como suporte, como no caso de expressões tradicionais como desenhos, pinturas, gravuras e fotografias, seja como suporte ou a partir de sua manipulação, criando máscaras, esculturas, instalações, transformando em massas ou meios de modelagem por sobreposição de camadas, como no caso do empapelamento (ou papietagem).

No ambiente escolar, o papel talvez seja o material mais comumente usado em todas as disciplinas. Por falta de conhecimento, não dimensionamos a toxicidade embutida na produção de uma simples folha de papel branco, que passa pela derrubada de florestas (mesmo que posteriormente se use árvores de manejo para esse fim) e imensa quantidade de água para a sua produção, que é contaminada por produtos químicos, tóxicos e cancerígenos para branqueamento, além dos utilizados na tintura ou impressão.

Para cada tonelada de papel ofício ou A4 produzida, duas ou três toneladas de árvores foram cortadas.

[...] Embora exista um movimento crescente para que se produza papel a partir de fontes recicláveis ou sustentáveis, 71% do papel utilizado no mundo ainda vem das florestas e não das fazendas de reflorestamento nem das lixeiras de recicláveis. (Leonard, 2011, p. 35)

A autora do famoso vídeo e posterior livro *A História das Coisas* (2011), Annie Leonard, nos conscientiza de que tudo o que consumimos traz junto consigo uma série de custos externalizados que não vem contabilizados no preço que pagamos por cada item - que muitas vezes vão além de atender nossas necessidades básicas, especialmente no que se refere aos danos ao meio ambiente, às espécies nativas e comunidades do entorno. O que aponta, mais uma vez, a necessidade do consumo consciente e de abandonarmos o sistema linear de produção ainda vigente. E nós, educadores, podemos ser condutores desse processo de consciência. Esse produto educacional vem da minha crença no poder multiplicador que cada educador e cada aprendiz carrega consigo.



AINDA É MUITO

PREDATÓRIA A PRODUÇÃO E CONSUMO DE PAPEL EM TODO O MUNDO, APESAR DE HAVER UMA ESCOLA DE PENSAMENTO ONDE AS FLORESTAS SÃO MANEJADAS E PRESERVADAS POR COMUNIDADES RURAIS, PELO DIREITO ORIGINAL DE EXISTIR COM INTEGRIDADE E PELOS BENEFÍCIOS IMENSAMENTE MAIORES DAS ÁRVORES SE MANTIDAS DE PÉ, VIVAS, (APONTANDO MAIS UMA VEZ AOS POVOS ORIGINÁRIOS QUE SÃO GENUINAMENTE GUARDIÕES DA FLORESTA, ATRAVÉS DE SEU MODO HARMÔNICO DE VIDA COM A NATUREZA). ALÉM DE PRODUZIREM GRATUITAMENTE O AR QUE RESPIRAMOS PARA VIVER E ABRIGAREM UMA INFINITA VARIEDADE DE OUTRAS FORMAS DE VIDA, HÁ ESPÉCIES DE ÁRVORES DETENTORAS DE INÚMEROS BENEFÍCIOS MEDICINAIS E QUE SÃO DERRUBADAS E EXTINTAS EM NOME DO “DESENVOLVIMENTO”, PARA O ABASTECIMENTO DAS “NECESSIDADES” HUMANAS.

Além do desmatamento em si, há uma série de outros materiais necessários para o processamento do papel. Para se ter uma ideia, “Usinas de fabricação de papel usam de trezentos a quatrocentas toneladas de água para produzir uma tonelada de papel, e nenhuma parte dessa água é reutilizada ou recirculada” (Leonard, 2011, p. 41). Apesar da publicação desse livro já ultrapassar uma década, infelizmente nos deparamos ainda com uma realidade desastrosa em relação à conservação de nossas florestas nativas e sistemas de produção poluentes, afetando as condições de saúde de todos.

E COMO PODEMOS LIDAR COM ESSE PROBLEMA?



COM 5 Rs

REPENSAR, RECUSAR, REDUZIR,

REUTILIZAR E RECICLAR



Reduzir e reutilizar o uso de papel é inquestionavelmente o método mais eficaz de minimizar o impacto ambiental. Devemos compartilhar dentro e fora da sala de aula, iniciativas que demonstram formas de reaproveitar papel. Como por exemplo: questionando a necessidade de imprimir algo e incentivando a utilização dos versos de papéis já usados. Outro meio é introduzir nos ambientes escolares hábitos de reciclagem de papel para produzir papéis com materiais naturais (cuja água pode ser reaproveitada por não ter poluentes) e, naturalmente, criar trabalhos de arte a partir de resíduos.

A reciclagem de papel não derruba novas árvores e quando feita artesanalmente, apesar de usar água em seu processo, não usa mais componentes químicos como na fabricação industrial. A reciclagem de um papel produzido já dentro do ciclo circular, como os papéis produzidos a partir de materiais naturais e nutritivos, seria ainda menos nociva por não usar produtos poluentes. Essa ação de redução do impacto, além de educativa, compõe esse processo de transição para a Economia Circular.



DICAS DE OBRAS, AÇÕES E ARTISTAS

DAVI CANANÉA

O artista paratiense trabalha reaproveitando materiais e atua criando esculturas de seres fantásticos, confeccionando máscaras e personagens modelados em papel para diversos eventos culturais.

Natural de uma cidade cuja história, a beleza da arte e da cultura e a natureza exuberante a levou ao título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO¹³ em 2019, Paraty tem um rico patrimônio material e imaterial, reunindo os povos tradicionais indígena, quilombola e caiçara

¹³ Saiba mais em <https://brasil.un.org/pt-br/83629-paraty-e-ilha-grande-se-tornam-patrim%C3%B4nio-mundial-da-unesco-por-sua-cultura-e-natureza>

em uma comunidade com grande fluxo de imigrantes, nacionais e estrangeiros. A cidade histórica entrou no roteiro turístico internacional devido a essa soma de paisagens incríveis, cultura extraordinária e pela realização de festivais com diversas atividades culturais. Uma das práticas artísticas tradicionais em Paraty é a feitura de máscaras com papel por mestres locais. Também conhecida por seu Carnaval com marchinhas, o bloco Assombrosos do Morro¹⁴ traz para a festa na cidade bonecos em um desfile mágico, compondo a brincadeira num cenário único. E envolve organicamente os participantes do grupo desde a coleta de bambu, que é colhido pelos próprios integrantes, na época certa, para manipular as varas para a confecção das estruturas do corpo dos bonecos, até o momento da festa.

Figura 5 - Espécime Z - Figuras Do Antropoceno, obra de Davi Cananéa. Obra realizada a partir de modelagem em barro e papietagem.



Fonte: Instagram do artista. Disponível em https://www.instagram.com/p/CTXqG_ppgcu/. Acesso em: 20 dez.

2023

A construção desses bonecos é realizada de formas distintas, onde cada integrante do grupo vai praticando o que aprendeu e desenvolvendo suas próprias técnicas, mas, em geral, utilizam toda sorte de resíduos como ponto de partida para a modelagem. Esse reaproveitamento, que começou de forma instintiva, como recurso e a partir da observação das

¹⁴ Conheça melhor em <https://estrelatours.com.br/os-bonecos-no-carnaval-de-paraty/>.

formas dos resíduos para as modelagens, foi se afirmando cada vez mais como uma postura de consciência sobre mudar o destino do que seria lixo, transformando em arte. A partir desses resíduos, realizam a papietagem, para a qual fabricam a própria cola com materiais caseiros. Os papéis utilizados também são reutilizados, vindo de sacas de café, açúcar, cimento e outros produtos após cumprirem seu propósito como embalagem.

Cananéa é um artista da geração mais jovem que vem dessa prática tradicional da cidade e aprendeu a manipular o papel para confeccionar os bonecos com seu pai¹⁵, (um dos criadores do Assombrosos do Morro) e pelo convívio com outros mestres. Participando ativamente do grupo ainda hoje, segue seu caminho autoral como artista visual e cenógrafo, praticando esse saber em seus grandes bonecos e esculturas, mas também sempre experimentando novas técnicas e materiais para a realização de seu trabalho.



TINTAS E GIZES

Um gesto ancestral da natureza humana é o de fazer registros. Desde o tempo pré-histórico, construímos imagens que ainda podem ser vistas em sítios arqueológicos e que relatam a feitura de tintas e gizes naturais que sobreviveram até os dias de hoje. Mesmo em áreas externas e não somente em cavernas, protegidas, considerando que a luz natural é responsável pela deterioração das cores. Da mesma forma, a prática da pintura e do desenho é amplamente utilizada na educação, sobretudo na primeira infância. Entretanto, podemos nos questionar sobre as características das tintas e gizes que são utilizadas e como podemos revisar esses fazeres pelo ponto de vista da Circularidade, considerando a matéria-prima, as embalagens e os processos envolvidos.

O uso de tintas naturais confeccionadas com materiais da natureza, só vem a somar à aprendizagem, tanto pela qualidade da tinta, quanto pela experiência de identificar do que são feitas. Em especial quando produzidas junto com os estudantes, já que o aprendiz ganha autonomia ao participar do processo de fabricar suas próprias tintas e, ainda, se conecta com a natureza através do contato (e quando possível, da coleta) com os materiais orgânicos para obter os pigmentos. No caso da Circularidade, também vivenciam outra experiência no pós-uso, por

¹⁵ Conheça o trabalho de confecção de máscaras em papel com o artista Jubileu https://www.youtube.com/watch?v=Q_T41TgxH2I&t=429s

se tratarem de resíduos que são nutrientes e podem ser aproveitados pela natureza ao invés de gerar lixo.

Já o uso de tintas sintéticas, além de não conectar com a origem e impacto dos seus componentes, inviabiliza a reciclagem de diversos materiais, porque contaminam o resíduo para o processo. Por exemplo, uma caixa de papelão toda pintada com determinadas tintas, como as que são à base de óleo, não é encaminhada pelos catadores para a reciclagem. E também não pode ser compostado, porque a fabricação de tintas industriais leva em sua composição elementos sintéticos e tóxicos, que não são nutrientes para a terra. Da mesma forma, um plástico pintado com tinta acrílica, ou qualquer outra derivada do petróleo, não permite a reciclagem por misturar tipos diferentes de plásticos, como veremos adiante.

Felizmente, há um resgate por diversos artistas e educadores do uso de tintas naturais, especialmente da produção das mesmas. No fazer artístico, é comum a adição de produtos sintéticos a essas receitas - assim como na confecção das colas caseiras, como vimos - visando alguma especificidade técnica ou mesmo a conservação da obra realizada, mesmo que existam conservantes naturais. Entretanto, é possível considerar, em especial no ensino de arte, a impermanência do trabalho a ser produzido e que, por serem constituídos de matéria orgânica, possam permanecer no ciclo biológico.

Há uma infinidade de técnicas, materiais e suportes que podem ser utilizados para trabalhar a expressão criativa através de desenho e pintura. Para tanto, temos recursos de tingir um material que será utilizado ou pintá-lo posteriormente, assim como recursos para pintura sobre superfícies com tintas de diferentes consistências e texturas para uso através de pincéis, dedos, mãos e diversas partes do corpo, sprays, máscaras e moldes, serigrafia e o que mais a inventividade elaborar.

Há também a possibilidade do uso de giz e bastões de características diferentes: uma grande variedade de recursos para infinitas propostas. Neste produto educacional, apresento somente uma introdução às tintas naturais, mas os pigmentos também podem ser usados para realizar tingimentos e confeccionar bastões. Diversos autores escreveram sobre o assunto e encontramos hoje muitas receitas na internet e artistas contemporâneos que pesquisam sobre a substituição do uso de materiais industriais pela feitura de seus recursos utilizando elementos naturais e que compartilham seus conhecimentos através de publicações, cursos online e workshops.

Uma técnica belíssima, muito versátil e de baixo custo é a da impressão botânica, onde, após a coleta respeitosa de plantas tintórias (valorizando o próprio processo de percebê-las e experimentar seus resultados), se imprime a forma e cores das plantas em papéis e tecidos. Há algumas variantes para aplicar essa técnica de impressão, a mais simples é utilizando papel ou tecido e imprimir manualmente com algum tipo de martelo: organizar esteticamente as plantas selecionadas entre duas partes do suporte, fazendo um sanduíche e depois martelar com um socador cada pedacinho onde há planta, tendo o cuidado para que o suporte não se mecha e crie “fantasmas” na imagem, imprimindo em locais diferentes. Geralmente as plantas mais suculentas não são muito boas para esse processo por soltarem muito líquido, da mesma forma plantas que já estão muito secas.

Quanto ao suporte, qualquer papel pode ser utilizado como experiência, mas de preferência os mais absorventes e que não sejam muito finos, como papéis que funcionam bem para pinturas. No caso de tecido, evitar os sintéticos já é uma postura circular, mas neste caso, tecidos de fibras naturais como algodão cru, por exemplo, são os adequados. Lembrando sempre da proposta de reaproveitar o que houver disponível.

Com esse trabalho, enfatizo a proposta de avaliar o propósito e destino da produção artística, considerando o ideal da Circularidade. Dessa forma, considero o uso de materiais sintéticos como a cola PVA para a produção de tintas, somente em casos onde o trabalho esteja voltado para a conservação, a fim de evitar radicalismos. Mas, afinal, considerar que uma obra se “acabe” com o tempo, pode ser parte da própria conceituação do trabalho desenvolvido, refletindo sobre a efemeridade inerente à própria vida. Portanto, reforço a importância da pergunta essencial:



**E DEPOIS, QUAL O DESTINO DO RESULTADO DESSA
EXPERIÊNCIA?**

**QUEREMOS EVITAR O LIXO E DESTINAR OS RESÍDUOS,
FECHANDO O CICLO.**



DICAS DE OBRAS, AÇÕES E ARTISTAS

A cultura dos povos originários nos demonstra esses saberes da coloração natural, onde há o uso de grafismos em seu dia a dia com simbologia própria, de acordo com cada etnia. Além de utilizar seus motivos em sua primorosa arte têxtil e outros artefatos, os indígenas também as usam na pintura corporal através da confecção de tinturas naturais, como os com preparados de urucum, jenipapo e cinzas. Dessa forma, nos ensinam, mais uma vez, sobre a integração dos recursos naturais no modo de viver e se expressar. Há inúmeras possibilidades de abordar esse saber no ensino de arte, ressaltando a importância de valorizar as perspectivas desses povos como comprometimento com uma educação decolonial.

Figura 6 - Pinturas corporais indígenas brasileiras do acervo da Funai



Fonte: FUNAI. Disponível em:

JHON BERMOND

Permacultor e artista orgânico, John é referência em tintas produzidas a partir de pigmentos naturais. Você pode acessar gratuitamente seu ebook através do link: <https://livrandante.com.br/livros/jhon-bermond-apostila-intuitiva-de-pigmentos-naturais>

Figura 7 e 8 - Tintas de pigmentos naturais e arte feitos por John Bermond



Fonte: Instagram do artista. Disponível em: <https://www.instagram.com/jhonbermond/>. Acesso em: 20 de dez.

2023

MAIBE MAROCOLLO

Pesquisadora da Flora Tintorial e criadora do projeto Matricaria

Saiba mais em: <https://bio.site/matricaria>

<https://www.youtube.com/watch?v=V2qK2KUAFGo>

Figura 9 e 10 - Tintas de pigmentos naturais e arte feitos por Maibe Marocollo



Fonte: Instagram da artista. Disponível em: https://www.instagram.com/matricaria/related_profiles. Acesso em:

20 dez. 2023

MARIANA BENCHIMOL

Trabalha com educação a partir do contato com a natureza

Saiba mais em:

https://www.instagram.com/mariana_benchimol/

<https://www.instagram.com/atelie.daflresta/> -

<https://www.instagram.com/quintaisbrincantes/>

COMO FAZER GIZ PASTEL COM PIGMENTO NATURAL • ÍNDIGO

A designer Kiri Miyazaki é a criadora do projeto MIYAZAKI INDIGO, a primeira fazenda de cultivo de índigo no Brasil. Dentro deste grande projeto, ela desenvolveu o projeto Tingideiras, onde conecta mulheres que estudam e fazem pigmentos naturais. Em seu canal do Youtube ela nos ensina como preparar o giz pastel com pigmento de índigo.

Para conhecer mais sobre o projeto acesse:

<https://www.miyazakiindigo.com/projetotingideiras>

Para aprender a fazer o giz pastel acesse:

https://www.youtube.com/watch?v=vIRdr5o_jbE&t=7s.

Figura 11 - Kiri Miyazaki produzindo o pigmento índigo



Fonte: FFW. Disponível em: <https://www.ffw.uol.com.br>. Acesso em: 20 dez 2023

FIZ GIZ COM TERRA!

Thaccyo é designer e em seu canal do Youtube ela produz diversos projetos artísticos no estilo DIY – Faça você mesmo. Num de seus vídeos ele se desafia a criar giz a partir da terra. Vamos ver como ele fez e tentar também? Para isso, assista o vídeo - Como fazer giz pastel com argila! – em: <https://www.youtube.com/watch?v=JA3p3UbxN1A&t=4s>



TECIDOS E LINHAS



O tecido, que é composto por linhas através de um entrelace de fios, é um material extremamente usado desde a antiguidade. Entretanto, as tecnologias fabris introduziram elementos nocivos que são amplamente utilizados atualmente, como é o caso da fabricação e coloração de tecidos mistos e sintéticos. Essa produção causa um imenso impacto ambiental não apenas durante o processo industrial, mas devido ao descarte incorreto após o uso e durante a lavagem doméstica rotineira, que solta microplásticos que acabam por chegar aos oceanos, impactando o ecossistema marinho. Um tecido sintético, derivado do petróleo como o poliéster, por exemplo, apesar de poder ser totalmente reciclado quando não misturado a outro tipo de fibra, gera esse impacto durante a lavagem no uso cotidiano e no descarte incorreto. Ou devido à sua fabricação mista, como é o caso das camisetas de PET, erroneamente divulgadas como ecológicas¹⁶.

Afinal, ao misturar fibras plásticas com as de algodão, inviabiliza tanto a reciclagem, quanto a compostagem. Tem sido cada vez mais frequente o uso de resíduos e refugos têxteis para confecção de outros materiais, mas é preciso avaliar caso a caso se há nesse processo uma efetivação circular ou apenas uma validação de um processo danoso que precisa ser revertido, analisando se práticas de reciclagem que se apresentam como sustentáveis, na verdade se caracterizam como *Greenwashing*.

A moda, inserida na indústria têxtil, é uma das mais poluentes do planeta, não apenas pelas consequências da fabricação das roupas, mas pelo próprio sistema que cria tendências a serem seguidas e apoia-se no descarte e consumo repetitivo, a cada nova estação. Sem abordar outros problemas socioculturais, como casos da adoção de trabalho análogos à escravidão por grandes marcas ou o sufocamento de especificidades culturais, devido à padronização em larga escala através da produção de produtos idênticos e distribuição global. Mas, antes dessa perspectiva, ao pensarmos em tecidos e linhas, não há como não atentarmos às roupas que vestimos e lançar um olhar sobre o gesto ancestral de unir partes, através da costura. Desde a

¹⁶ Camiseta feita de PET não é exemplo de Cradle to Cradle - Ideia Circular <https://ideiacircular.com/camiseta-feita-de-pet-nao-e-exemplo-de-cradle-to-cradle/>.

pré-história, quando usamos peles de animais costuradas com agulhas feitas de ossos, o ser humano sempre cobriu de alguma forma seu maior órgão, a pele, para se proteger e, também, para se decorar. Após séculos de desenvolvimento de tecnologias e materiais, chegamos ao ato de vestir-se como uma expressão da personalidade ou dos ditames da moda, através do consumismo.

Felizmente, há um posicionamento que questiona esse sistema, conhecido como *Slow Fashion*, uma vertente do *Fashion Revolution*, que valoriza a produção local, com o uso de materiais e modo produtivo não poluente, consumo consciente e reparo criativo de peças usadas e não apenas o que é novo. É importante reforçar, do ponto de vista da atuação do consumidor, a importância dos brechós para a Circularidade. Afinal, através do consumo de roupas de segunda mão para atender nossas necessidades, se interfere em todo esse ciclo de produção irresponsável e consumo impactante. Da mesma forma, incentivar o trabalho artesanal e autoral, amplia as possibilidades de termos acesso à história de produção dessas roupas, seus reais valores e responsabilidade com os trabalhadores e o meio ambiente.

Trazendo para o contexto da Arte Educação, podemos atuar como agentes de transformação quando elaboramos atividades que repensam os materiais e seus usos. No caso dos tecidos e das linhas, como elemento em si ou constituinte do próprio tecido, o vestir perpassa de alguma forma as expressões apresentadas abaixo, interligando a questão de identidade e coletivo. E sempre atravessa nossas escolhas e ações. Diante do que trago com esse produto educacional, proponho amplificar em cada um, valores de Circularidade. E dentro desse raciocínio, a atividade apresentada adiante para trabalhar esse material segue uma continuidade no projeto de trabalho, a partir do reaproveitamento de tecidos e materiais através do uso de procedimentos naturais de tingimento, pintura, impressão e técnicas têxteis.



DICAS DE OBRAS, AÇÕES E ARTISTAS

Sioduhi

Destaco o estilista indígena Sioduhi, que se viu atravessado por uma realidade opressora no sistema de moda e retornou às suas origens, desenvolvendo um processo criativo e produtivo mais coerente com sua natureza e origem. Dessa forma, amplifica através de sua arte a voz da luta dos povos indígenas e sua sabedoria de integração à natureza e proteção das florestas. Em

todo seu método de trabalho está impressa a verdade de sua cultura, revelando ao mundo um saber ancestral valioso em contraponto a um formato excludente e linear, vencido, de homogeneizar e aculturar a diversidade da vida.

Figuras 12 e 13 - Desfile e detalhe da Coleção “AMÕ NUMIÃ: Ontem, Hoje e Amanhã” de Sioduhi, 2023



Fonte: Instagram do artista. Disponíveis em https://www.instagram.com/p/C04JIVzrsKf/?img_index=2. Acesso em: 20 dez. 2023 e https://www.instagram.com/p/C1FVY_FrobQ/. Acesso em: 20 dez. 2023

Produzindo uma moda regenerativa, além de envolver sua comunidade e cultura local com seus saberes e fazeres, seu trabalho se constitui a partir de memórias e experiências, envolvendo e valorizando a realidade e as riquezas de sua região natal, com a integração de artistas e artesãos originários que realizam sua arte a partir de materiais orgânicos. Sioduhi é fundador e criativo do Studio Sioduhi¹⁷, que leva seu nome como gesto político e é um espaço de criação e conexão, troca de experiências e fortalecimento de identidades. Após intensa pesquisa, desenvolveu a tecnologia Maniocolor¹⁸, que utiliza resíduos da raiz da mandioca para tingimento natural das peças elaboradas, em uma manufatura que envolve e valoriza a soberania dos povos originários em suas práticas e as insere no circuito da moda afirmando a proteção de Sistemas Agrícolas Tradicionais da Amazônia. Esse posicionamento e forma de atuação é uma

¹⁷ Conheça mais em <https://www.sioduhi.com/>.

¹⁸ Para saber mais, acesse <https://www.instagram.com/maniocolor/>.

demonstração afirmativa da força da colaboração e coletividade e reforça a necessidade de revisar o sistema linear de produção e sua lógica de consumo.

A Arthur Bispo do Rosário

Figura 14 - O Manto da Apresentação, obra de Arthur Bispo do Rosário



Fonte: Museu Bispo do Rosário. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/acervo-2/manto/>. Acesso: em 27 dez. 2023

Ainda no que se refere ao vestir-se, embora dentro de um contexto simbólico e anterior ao contexto do Circuito de Arte, trago o trabalho de Arthur Bispo do Rosário, que era um nordestino negro, pobre e considerado esquizofrênico, embora se expressasse lucidamente quanto às suas obras. Para ele, criar era intrínseco a existir e, assim, se tornou um artista extraordinário e um interno incomum dentro de uma instituição psiquiátrica onde se enclausurou por cinco décadas, após ter uma visão e ser encaminhado para internação.

Sua obra se apropria de materiais reutilizados para constituir-se no mundo, reinventando-os, como forma de expressar sua espiritualidade. Confeccionadas a partir do que tinha acesso, internado na Colônia Juliano Moreira, Bispo do Rosário desfiava uniformes para fazer linhas e bordar e utilizava lençóis e cobertores, antigos uniformes de quando serviu à Marinha, madeiras, plásticos e toda a sorte de objetos cotidianos e banais, muitas vezes esquecidos e considerados sucata, lixo, para criar obras de arte de extraordinária força imagética, como estandartes, objetos e assemblages. Mas para Bispo, que nunca se considerou

ou desejou artista, seu fazer era uma preparação para entregar a Deus seus artefatos ressignificados no dia do encontro com o Criador.

“O Manto da Apresentação” foi confeccionado por décadas para que seu autor o vestisse no dia do juízo final, costurando, adornando, vestindo e manuseando-o continuamente a partir de um simples cobertor. Bispo não se considerava artista porque não produzia para os homens, conectou-se com o Divino como modo de reorganizar o mundo de um modo melhor, embelezando-o com seu talento e dedicação, talvez como modo de lidar com seus fantasmas diante de uma realidade ríspida, excludente e desigual.



ASSISTA AO FILME “O SENHOR DO LABIRINTO” QUE CONTA A HISTÓRIA DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://VIMEO.COM/6970596](https://vimeo.com/6970596)

PLÁSTICOS



O último material e possivelmente o mais complexo e contraditório deles, o plástico é um polímero sintético proveniente do petróleo, um recurso natural não renovável de extrema importância política e econômica, apesar dos inúmeros e cada vez mais frequentes debates sobre evitar e substituir seu uso. Sua extração é altamente poluente e um dos principais causadores do aquecimento global, apesar de toda a nossa sociedade, de um modo geral, (ainda) estar estruturada em seu consumo atualmente, através de diferentes formas.

A principal característica do plástico é sua extrema versatilidade e qualidades para os mais distintos usos e, justamente por isso, sua produção e aplicação em diversos setores se ampliou em escala global. Entretanto, a grande questão que torna seu extenso uso contraditório é, além da extração de sua matéria-prima, a fabricação e problemas no processo de reciclagem, o descarte incorreto e a crescente e dramática situação da poluição plástica. Sua produção é tão intensa e acelerada, a ponto de haver o questionamento se estamos vivendo no Antropoceno ou na Era do Plástico.

Tudo ao nosso redor atualmente está repleto de plásticos. Podemos ver isso com frequência no Ensino de Arte, ao usarmos, por exemplo, fita crepe e a grande maioria das fitas adesivas, isopor, EVA, TNT, isopor, celofane sintético, cola quente e diversas embalagens, dentre vários outros, sem nos preocuparmos como chegaram até nós e para onde irão depois de realizarmos as atividades. No entanto, alguns materiais volatizam ou se separam residualmente durante o processo de reciclagem do plástico, quando são aquecidos para derreterem e assumirem outro destino em um novo uso, tornando-se um plástico reciclado. É o caso da cola branca PVA e de alguns materiais do ciclo biológico, como papel e restos orgânicos, por exemplo. Mas desde que não estejam “contaminados” por outros agentes que inviabilizam a reciclagem. Isso acontece com materiais cuja

composição contenha outros tipos de plástico ou não se desmanche, como ocorre com a maioria das colas, tintas e solventes industriais.

A mistura de impurezas ou contaminantes na fabricação de alguns plásticos é utilizada para reduzir os custos e aumentar a produção, mas, dessa forma, atrapalham o processo de separação e aproveitamento desses resíduos no pós-uso, prejudicando sua reciclagem, como veremos adiante. Além do problema de sua fabricação derivar da extração de petróleo e muitos produtos de uso único utilizarem plásticos virgens, o destino incorreto no descarte é responsável pelo acúmulo em locais abertos, incinerações clandestinas (que são altamente tóxicas) e a contaminação em aterros e nos oceanos, considerando que ainda não é possível medir com exatidão os danos que causam à saúde humana. Dados de 2021 apontam o Brasil dentre os principais produtores de lixo plástico do mundo (Mismanaged plastic waste per capita, 2019 - our world data.org), mas essa calamidade é uma questão em nível global e se deve à falta de responsabilidade de fabricantes, órgãos públicos em relação à sua produção e gestão de resíduos e também (por que não?) dos próprios consumidores, ao realizarem suas compras sem refletir e atuar diante dessa adversidade. Entretanto, vale ressaltar aqui, a importância de reduzir as desigualdades sociais como um dos pilares na Economia Circular, afinal, sob essa ótica, aqueles que mal conseguem atender às suas necessidades básicas não tem condições de estabelecer critérios sobre o que consumir ou não, infelizmente.

Existem diferentes tipos de plásticos que não podem se misturar entre si ou com alguns produtos que inviabilizam o processo de reciclagem, como é o caso de alguns adesivos ou certos corantes e tintas, por exemplo. Nem todo plástico é identificado corretamente pelos fabricantes e a logística reversa é ainda extremamente ineficaz para evitar a poluição plástica, responsável por poluir oceanos, afetar o meio ambiente e todos os seres em seus habitats, assim como a própria saúde humana. A incineração do resíduo plástico, que ocorre frequentemente a céu

aberto, libera gases tóxicos na atmosfera, contribuindo com as mudanças climáticas, poluição do ar e podem causar diversos problemas de saúde - principalmente às populações menos favorecidas, onde geralmente se localizam os lixões. Isso se deve à carência de uma regulamentação e fiscalização eficiente para reduzir a fabricação irresponsável e descontrolada e regularizar o destino do material no pós uso, favorecendo uma reciclagem eficaz, reduzindo o uso de plástico virgem e os problemas do descarte incorreto.

No nosso dia a dia, contribuimos com essa situação. Ao optar, por exemplo, pelo uso de tecidos sintéticos, provocamos poluição por microplásticos a partir da lavagem cotidiana desses tecidos repetidamente. Também incentivamos a produção de tecidos mistos ao comprarmos esse produto equivocado (misturando fibras sintéticas e naturais), já que não podem ser compostados, nem reciclados. Ou, ainda, ampliamos o problema quando consumimos sem questionar embalagens de uso único e as descartamos indevidamente, como sacolas plásticas e embalagens de alimentos.

Estamos muito habituados a utilizar e ver na produção artística materiais derivados do petróleo, como os plásticos, desde a fita crepe à pinceis. Da mesma forma, sempre que escolhemos utilizar materiais poluentes, inclusive ao exercer nossa profissão. E essa é a força motriz desse trabalho: promover reflexão e mudança de hábitos.



DICAS DE OBRAS, AÇÕES E ARTISTAS

Alguns artistas atuam diante desse cenário, reaproveitando plásticos em suas obras, em contextos e conceituações diversas. Moffat Takadiwa, por exemplo, vive e trabalha no Zimbábue e é um importante artista da geração pós-independência do domínio Inglês no país sul africano. O artista aborda questões sobre o meio ambiente e identidade cultural, minerando aterros para selecionar lixo plástico, que é limpo e organizado para criar suas obras. Partindo dos têxteis tradicionais do Zimbábue, seu trabalho envolve a presença humana diante do acúmulo cada vez maior de resíduos plásticos, reorganizando esteticamente milhares de peças reutilizadas para criar algo duradouro e de grande impacto visual e conceitual.

Figuras 15 e 16 - Second Hand Information, 2014 e Land of Coca-Cola e Colgate, 2019



Fonte: jameelartscentre.org. Disponíveis em: <https://jameelartscentre.org/collection/moffat-takadiwa/> e [artillerymag.com](https://artillerymag.com/nicodim-gallery-moffat-takadiwa/). Disponível em <https://artillerymag.com/nicodim-gallery-moffat-takadiwa/>. Acessos em: 20 dez.2023

Em “Second hand Information”, o artista “tece” como a um tecido tradicional de seu país, mas com uma abordagem estética mais contemporânea, utilizando teclas de computadores de língua inglesa organizadas de forma aparentemente aleatória, de modo ao todo ficar ilegível - subvertendo a língua colonizadora como resistência das línguas bantu e outros aspectos da cultura pré-colonial do Zimbábue. Já em “Land of Coca-Cola e Colgate”, pode-se perceber, por entre tubos de pastas de dente e garrafas produzidas por marcas populares, uma figura humana que parece emergir diante do nosso rastro de consumo industrial.

De forma semelhante, partindo da coleta de resíduos plásticos para compor suas obras, o artista português Ricardo Ramos, também conhecido como Xico Gaivota, garimpa em paisagens naturais - em especial as de difícil acesso, o que as torna especiais para ele, mas mais prejudicadas em relação ao problema da poluição plástica. Após a coleta, o material é organizado por cores e tamanhos para construir suas obras, que tem como diretriz respeitar a integridade das peças tal como as encontra: sem manipulá-las com tintas, colas e vernizes, parafusando ou amarrando-as. Por conta disso, devido a seu processo de trabalho, às vezes se torna necessário ir realizar novas coletas a fim de encontrar a peça ideal que falta para completar o “quebra-cabeças”, conforme idealiza em algum trabalho.

Figuras 17 e 18 - Obras de Xico Gaivota, realizadas a partir da coleta de resíduos na natureza



Fonte: www.xicogaivota.com. Disponíveis em: <https://www.xicogaivota.com/water#/bica/> e <https://www.xicogaivota.com/water#/xinholo/>. Acessos em 20 dez. 2023

Vindo de uma família de artistas, Xico Gaivota experimentou diversas formas de se expressar em seu processo de formação como artista. Foi pescador e mariscador profissional por muito tempo e se deparava constantemente com aqueles elementos estranhos ao lugar, quando começou a se interessar pela aparência plástica de peças e pela curiosidade de suas histórias, começando a recolher e guardá-las. Xico Gaivota destaca que as obras de arte que produz são posteriores ao que realiza com as coletas, que se sente recompensado com o ato de retirar desses locais da natureza os resíduos poluentes, desejando que futuras gerações, como suas crianças, possam visitar essas praias e ainda encontrá-las íntegras e fascinantes como ele as viu quando as visitou.



UMA ALTERNATIVA MUITO INTERESSANTE E NATURAL QUE VEM DESPERTANDO INTERESSE EM DESIGNERS E ARTISTAS SÃO OS BIOMATERIAIS. É POSSÍVEL ENCONTRAR RECEITAS E CONHECER MELHOR SOBRE ESSA ALTERNATIVA EM INICIATIVAS COMO A MATERIOM, UMA COMUNIDADE DE INOVAÇÕES DE MATERIAIS INSPIRADOS NA NATUREZA, QUE CONTÉM UMA BASE DE DADOS DE ACESSO ABERTO. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://MATERIOM.ORG/ABOUT](https://materiom.org/about)

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

Como fechamento desse ciclo de revisões sobre práticas artísticas no Ensino de Artes, é fundamental considerar formas de expor a produção realizada, seja em atividades isoladas ou como culminância de um projeto de trabalho após sua conclusão - quando o grupo apresenta à comunidade escolar o que foi desenvolvido. Esse momento além de reforçar o trabalho pedagógico realizado, é potencialmente um amplificador do tema trabalhado.

Realizar uma exposição também pode ser um processo criativo coletivo, em especial diante do desafio de rever nossos fazeres, considerando a Circularidade na abordagem dos materiais utilizados. Dentro desse aspecto, em especial da realidade do ensino público, é importante considerar que uma estrutura pode ser reutilizada em outras ocasiões e até por outros educadores. Nesse sentido, os painéis fixos da escola são um recurso de comunicação visual, podendo se transformar em grandes suportes para desenvolver atividades do projeto. Ou mesmo somente como estrutura para expor os trabalhos, seus registros e processos de modo que fiquem visíveis a todos. Entretanto, diante do que foi apresentado neste produto educacional, já sabemos quais materiais evitar e como utilizar os que forem escolhidos para reaproveitá-los posteriormente ou destinar para a reciclagem, evitando que se tornem rejeitos.

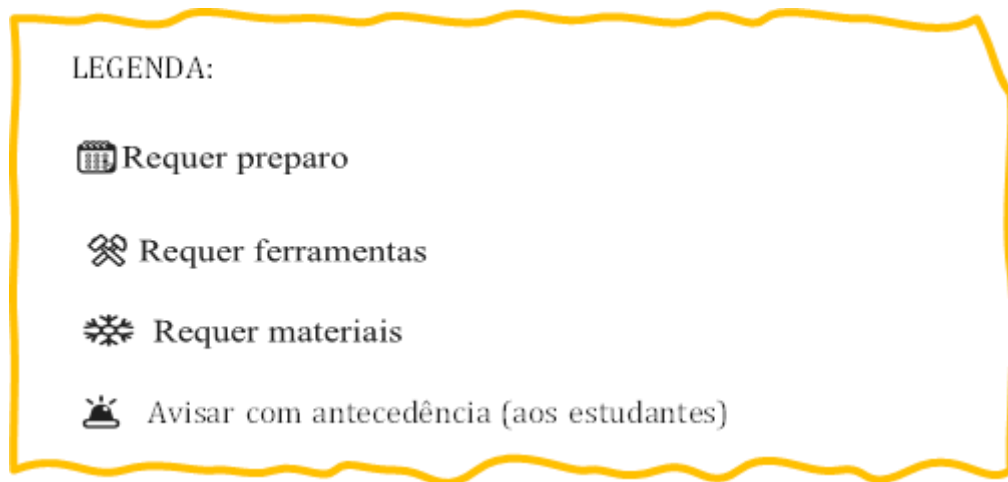
6 - PROJETO DE TRABALHO

Para concluir esse produto educacional, apresento um roteiro de atividades com práticas cadenciadas, dentro do propósito da Circularidade. Através desses exemplos, é possível projetar substituições possíveis para escolhas que percebemos como nocivas para o meio ambiente. Afinal, uma proposta educativa não se encerra em si mesma e pretende-se como desenvolvedora de potencialidades, habilidades e abrangente transversalmente com assuntos importantes para o crescimento individual e coletivo de forma integrada, como valores para promover autoconhecimento, autonomia, cidadania e senso crítico para se posicionar diante da atualidade.

Realizar um Projeto de Trabalho na realidade do ensino público de arte é tão desafiador quanto estimulante e recompensador. Para que seja possível, é necessário planejar as atividades de acordo com o calendário escolar, considerando a duração dos tempos de aula e a continuidade das atividades conforme as especificidades de cada prática. É recomendável o registro fotográfico e descritivo de todo o processo e, preferencialmente, que esse fazer esteja

já associado ao fluxo de trabalho do educador, colaborando com a (possível) construção de um portfólio para analisar e refletir sobre sua própria prática pedagógica. Entretanto, cada profissional conhece seus próprios processos, demandas e contexto e a flexibilidade é sempre a melhor opção em um processo de aprendizagem, inclusive o nosso.

INICIANDO O PROJETO DE TRABALHO



ATIVIDADE 1



INVESTIGAR A PRÓPRIA MOCHILA E PLANTAR RESÍDUOS

Duração: 2 encontros

O que é necessário:

1o encontro: resíduos para o 1o encontro, folha A3 ou pedaço de papelão, pote com cola, folhas A4 em condições de serem reutilizadas e lápis ou caneta para cada um.

2o encontro: Apresentação do projeto de trabalho que vivenciarão juntos. Vaso de barro para planta, preparado para plantio e muda escolhida.

Processo:

1º encontro: iniciar com uma atividade dinâmica e divertida para aproximação, reconhecimento e acolhimento.

Sugestão de atividade:

Rosto coletivo com desenho, reutilizando o verso de folhas de papéis usados na escola.

As carteiras da sala precisam estar dispostas em círculo, onde em uma das mesas há resíduos diversos numa bandeja, ao lado de um potinho com cola e uma folha A3 ou pedaço de papelão (de acordo com as peças disponíveis). Na mesa de cada um há uma folha de papel reaproveitada e um lápis. O ideal é, em algum momento, explicar o porquê das folhas estarem sendo reutilizadas, introduzindo o tema de reaproveitamento como início do trabalho de conscientização que será desenvolvido no projeto. Posteriormente essas folhas podem ser recicladas.

Para iniciar a atividade, a/o educador(a) vai citando um dos itens que compõem um rosto para que seja desenhado, começando pelo nariz, ao centro do papel. Também propor detalhes e acessórios como pintas na pele, pescoço, brincos, enfeites, etc. Após o desenho de cada item, o estudante deve se dirigir à cadeira seguinte, em sentido horário. Ao chegar na mesa com os resíduos, deve escolher um deles e colar no suporte, na posição onde seria desenhado. É recomendável apresentar uma foto ilustrativa como a abaixo. Ao final, cada um deve olhar para as figuras desenhadas coletivamente e batizá-las com um nome que a imagem lhe sugira, podendo ser inventado e qual a profissão ou principal ocupação de seu personagem.

Iniciar, então, uma conversa em que cada um pode apresentar seu personagem, descrevendo semelhanças e diferenças consigo mesmos, de modo a se apresentarem brevemente.

Figura 19 – Exemplo



Fonte: Montagem e foto elaborada pela autora, 2024.

2º encontro: apresentação da proposta do projeto de trabalho aos estudantes para que tomem conhecimento do caminho a ser percorrido, das possibilidades de construção a partir da

participação de todos e da importância de se dedicarem e se organizarem, individual e coletivamente, para que todos tenham um melhor aproveitamento. Compartilhar com os estudantes qual a duração do projeto, apresentando o objetivo geral e o calendário previsto. Discutir sobre o valor do trabalho que será desenvolvido e da dedicação dos mesmos e os aspectos considerados na avaliação durante o percurso. Se houver possibilidade, sugiro nesse momento a entrega (ou confecção, em um encontro extra) de um caderninho de anotações com essas definições, para que seja o lugar onde eles anotem o que for preciso preparar ou trazer, assim como informações relevantes, sentimentos, insights e resultados de suas pesquisas e percepções.

Sugestão de atividade:

Solicitar que cada estudante esvazie sua mochila e observe o que carrega diariamente, havendo ou não necessidade. É interessante que o(a) educador(a) indique que não virem a mochila na mesa e ressalte que lhes é reservado o direito de não expor algum(s) dos objetos que não desejem mostrar. Após esvaziarem suas bolsas, item por item, iniciar o debate: há algum “lixo” esquecido ali? Se sim, deixar sob a carteira após guardar seus pertences.

Sobre uma mesa comum, agrupar com os estudantes os resíduos por familiaridade e, depois, escolher alguns dos materiais, de características diferentes, para “plantar” sob uma muda em um vaso. Essa planta será cultivada pelo grupo durante todo o projeto. FOTOGRAFAR os resíduos ou rejeitos antes de enterrar. Em caso de inviabilidade de regar com regularidade a planta, deixar em local conforme a necessidade da espécie, onde o vaso receba sol e chuva naturalmente. No encerramento do projeto, a planta será replantada e os materiais retirados e comparados com as fotografias realizadas antes do plantio, para avaliar se sofreram alguma alteração em sua composição no período de duração do projeto.

OBS: É importante inserir algum resíduo orgânico, como um pedaço de maçã ou biscoito, por exemplo.

Sugestão de espécies para o plantio:

- Espada de São Jorge (meia sombra ou sol com regas esporádicas)
- Cacto (Sol pleno e menos rega)

Arte efêmera ou com elementos da natureza

Atividade 2: MANDALA NA PRAÇA



Duração: 1 encontro

O que é necessário:

Elementos da natureza e local escolhido previamente

OBS: Por se tratar de uma atividade externa, é necessária organização prévia, para visitar o local escolhido, comunicar com a escola e responsáveis e medir como será a locomoção e outras necessidades básicas. No caso de inviabilidade de saída, é possível levar elementos coletados anteriormente para realizar a atividade em algum local aberto da escola.

Processo:

A atividade consiste em primeiramente explicar sobre a importância de compreender que plantas são seres vivos e que toda coleta na natureza precisa ser respeitosa e consciente. Portanto, é importante observar o local da coleta, ensinando como coletar sem devastar e que materiais caídos naturalmente podem ser utilizados. Demonstrar que ao extrair, é importante observar se é a única espécie no local, se pode atrapalhar o desenvolvimento da planta e de não vandalizar a paisagem. Toda ação gera impacto, mas essa proposta sugere exatamente esse olhar atento à natureza, suas formas, cores e aromas e de compreendê-las dentro do contexto em que existem. Importante ressaltar também de colher só o necessário ao que será usado.

Após a coleta, reunir os elementos naturais de modo visível, organizando-os de modo expositivo para que visualizem a todos os elementos como formas e cores, também por semelhanças e contrastes. A partir disso, cada educador pode imprimir suas próprias particularidades no modo de conduzir a construção da mandala. Mas é interessante observar que é mais fácil iniciar do centro e de modo que a quantidade disponível de cada item se disponha da melhor forma dentro do desenho. A mandala geralmente contém uma repetição harmoniosa dos elementos visuais e esse padrão pode auxiliar na construção coletiva.

É interessante fazer registros tanto do processo quanto do desenho finalizado. E até do depois, se for o caso. Apesar de se tratar de materiais naturais e biodegradáveis, ao final, dependendo do local onde ocorre a atividade, é interessante recolher os elementos, entregando o espaço público como foi encontrado ou melhor que antes. Se recolhidos, podem ser colocados

no canteiro ao pé de uma árvore, por exemplo. Ou, como possível desdobramento, folhas e flores podem ser prensados e utilizados em uma colagem compostável, como na proposta da Atividade 12.

Figura 20 e 21 - Composição com elementos naturais encontrados caídos no chão, do “Atelier da Floresta” e Coleta de itens recolhidos na natureza



Fonte: Instagram da artista. Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/CSPC-FPrkTz/e>
<https://www.instagram.com/p/CSB61JfLU1a/>. Acessos em: 20 dez. 2023

Reaproveitamento

Atividade 3: Indumentária a partir da coleta de resíduos



Duração: 4 a 5 encontros

O que é necessário:

Resíduos coletados previamente pelos estudantes, tesouras, linha e agulha

OBS: Essa atividade não necessariamente está associada às próximas, mas se conecta às anteriores e traz em si o potencial de aproximação do grupo e de repensar a arte, seu papel e suas derivações.

Processo:

1º encontro: reproduzir o vídeo: “A história das Coisas”, de Annie Leonard (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G7_S0mMbKiw) e conversar com estudantes sobre consumo consciente. Após dividir os estudantes em grupos de trabalho para se organizarem, explicar como acontecerá a atividade e definir o prazo para que selecionem resíduos não perecíveis do seu consumo e de sua família em casa e trazê-los limpos para reutilizar em aula, coletivamente.

2º ao 5º encontro: serão para definirem e confeccionarem suas indumentárias, com supervisão da/o educador(a). Para compreenderem a proposta, a referência será a obra em processo “Pré-pó”, da artista Clarice Rito. Formada em Indumentária, Cenografia e dança, a artista carioca trabalha de forma transdisciplinar. Desenvolvendo sua pesquisa a partir de performances e ações em coletivos e residências artísticas desde 2019, “Pré-pó” é tecida a partir de interações com o entorno, procurando externalizar a importância de revisar os padrões atuais de consumo e descarte, imediatismo e individualismo, ressaltando a perplexidade do Antropoceno. Em 2023, a artista confeccionou uma vestimenta a partir de resíduos de seu próprio consumo e outros que foram coletados por seu caminho. Essa veste é incorporada organicamente pela artista em performances, quando se afeta pelo entorno, intercâmbios e vivências, enquanto investiga sua corporeidade em movimentos e sonoridades. Está atenta a si e ao mundo, construindo-se, influenciando-se e provendo reverberações sensíveis. Conforme diz a própria artista: “A criatura tem fome... Ainda não fala, ainda não encontrou suas danças, seus rituais. Ela tem fome de saber de si e do mundo. E deambula a observar, alimentando-se a cada passo. Mas sua presença silenciosa já expressa por si só, já reverbera, a mensagem do cuidado com a Terra... Pois, ela testemunha as acontecências, como uma espécie de entidade ou assombração, cujo aspecto físico é um lembrete de que o fim pode estar cada vez mais perto...” (texto autoral da artista)

Figura 22 - “Pré-pó”, registro de performance de Clarice Rito, 2023



Fonte: Instagram da artista. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/CuQtebrMuWy/?igshid=YTUzYTFiZDMwYg%3D%3D>. Acesso em: 20 dez.

2023

Nesta atividade, iremos produzir coletivamente vestíveis que assim como na obra “Pré-pó”, serão confeccionados a partir da coleta dos resíduos gerados pelo consumo cotidiano dos seus estudantes em suas casas e também de algumas peças que possam encontrar pelo caminho. É importante incentivar a percepção dos estudantes sobre essas peças durante o processo. Assim como o artista português Xico Gaivotá, que percorre locais da natureza para reduzir a poluição plástica e muitas vezes vai atrás de alguma peça específica para completar suas obras, a proposta aqui é que os estudantes estejam atentos ao seu entorno, aos caminhos que percorrem, a fim de refletirem sobre os resíduos encontrados. E que se influenciem na interação entre si e sua comunidade, assim como a artista Clarice Rito em seu processo de constituição da Criatura que observa e é observada nas performances.

Para essa construção coletiva e com o propósito de fomentar a interação com a indumentária produzida pelos estudantes, considero um paralelo com a obra transformadora de Hélio Oiticica. Os parangolés promoveram um deslocamento do espectador da obra de arte, tornando-o ativo. É necessário vestir a obra para que ela aconteça, acabando com a passividade de simplesmente assistir e absorver o que é apresentado. Essa postura é muito congruente ao cerne desse produto educacional, com a proposta de promover uma reflexão crítica sobre o fazer artístico como meio de revisar práticas diante da realidade da ação humana em relação ao meio ambiente e estar ciente para promover mudança de hábitos.

Figura 23 – “ P15 Parangolé Capa 12, Eu Incorporo a Revolta”. Usado por Nildo da Mangueira, 1967.



Fonte: ArteRef. Disponível em: <https://arteref.com/arte-contemporanea/o-que-foram-os-parangoles/>. Acesso em: 20 dez.2023

As obras vestíveis confeccionadas pelos estudantes serão costuradas, sem uso de colas ou manipulações dos materiais selecionados, com o intuito que possam ser posteriormente desmontadas e destinadas à coleta seletiva. Entretanto, podem ser expostas junto a registros da vivência performática dos estudantes. Para essa ocasião, os estudantes podem ir pensando em áudios, músicas, danças e cantos, levantados durante o processo de costura. Essa prática pode transbordar para o espaço da escola e interagir com outros colegas, se assim desejarem os participantes.

PAPEL

Atividade 4: Colagem que a terra não come



(Com papéis usados sobre suporte de papel usado)

Duração: 2 encontros

O que é necessário:

Papéis reutilizados (podem ser os da atividade 1) ou pedaços de papelão e cartolina usados, lápis, borracha, tesouras e cola. Talvez argolas de latinhas, madeira ou resíduo para usar como suporte.

Obs: Para esse trabalho, que será destinado à conservação, vamos reutilizar também papéis de revistas e afins e considerar a conservação do trabalho realizado, para tanto é interessante considerar como podem ser pendurados na parede. Por exemplo, montando em um suporte de papelão e colando no verso uma argola de latinha de alumínio, como as de refrigerantes, para que possam ser pendurados.

Essa atividade serve de suporte para as próximas, ajudando na caracterização dos personagens que serão construídos. Por isso é importante guardar também as anotações e esboços.

Processo:

Com a intenção de exercitar o reaproveitamento, a proposta é realizar um retrato reutilizando papéis usados, desde o suporte. Por se tratar de papel industrial, que não podem ser compostados, pensaremos nesse trabalho para ser exposto e conservado. Podemos até considerar usar a convencional cola branca, industrial, considerando que esses papéis já são repletos de produtos sintéticos. Nessa proposta, o suporte da colagem também pode ser um papel, cartolina ou papelão qualquer que já contenha ou não alguma informação a ser considerada na composição. Ou ainda um pedaço de madeira ou outro material que se adeque à colagem de papel. O uso de alguma fotografia também pode ser considerado como ponto de partida para a construção dessa imagem.

A temática será uma prática de retrato, realizando um autorretrato ou então retratar alguém muito importante da família ou da comunidade do estudante. Apesar de inicialmente apresentar um artista realista, iremos abordar a liberdade criativa, sem se preocupar com a semelhança com a aparência real da pessoa retratada, mas incluindo, entretanto, detalhes que a caracterizem (o ideal é que comecem pensando nessas características). O fundamental nessa proposta é o estudante destacar os elementos importantes da personalidade da pessoa escolhida e analisar os materiais que serão selecionados de acordo com a proposta de reaproveitamento de papel e posterior conservação da obra.

Etapas:

Definir quem será representado e escolher uma foto para se orientar.

Pensar sobre as características dessa pessoa e quais elementos podem ser utilizados para representá-la, anotando para depois selecionar o que entrará no desenho.

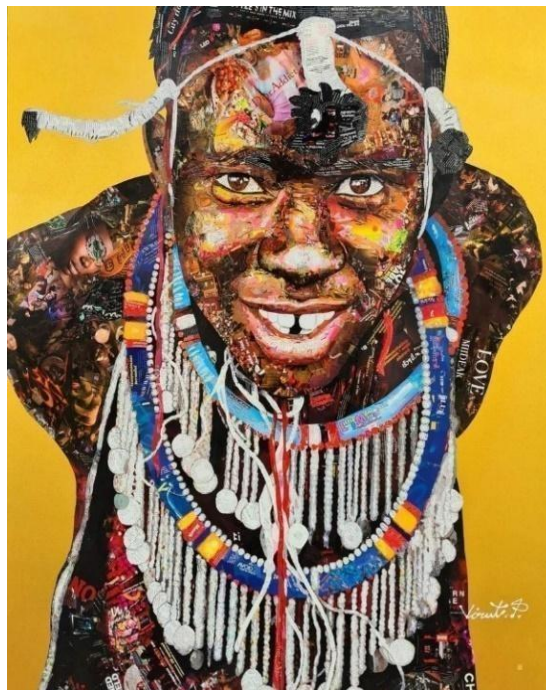
Fazer alguns esboços para definir como a pessoa será retratada.

Desenhar ou transferir a imagem da pessoa escolhida ou ainda fazer a colagem em cima da própria fotografia.

Preparar a área de trabalho com os materiais para executar a colagem.

Como referência, optei por apresentar o trabalho de Virut Panchabuse, artista indiano que trabalha com pedaços de papel, como exemplo de como uma imagem pode ser representada de modo realista independente do material utilizado. Selecionei também uma atividade escolar e duas obras do pintor Pablo Picasso, por sua importância para o Cubismo e como exemplo de como o artista se ancorou na liberdade para escolher como desejava realizar seu trabalho, tanto na forma como nos materiais utilizados.

Figura 24 - obra de Virut Panchabuse, artista indiano que utiliza a colagem como forma de expressão para realizar retratos realistas



Fonte: New Zealand Art by Award-Winning New Zealand Artists – Artbay Gallery. Disponível em:

<https://www.artbay.co.nz/products/truly-smile>. Acesso em: 27 nov. 2023

Figura 25 - “Retrato de Mulher” é uma obra de Pablo Picasso que utiliza uma folha de jornal como suporte Pablo Picasso -Período Azul, Rosa.



Fonte: Obras e Tudo Mais!: Picasso na Barsa. Disponível em: <https://picassonossorei.blogspot.com>. Acesso em: 27 nov. 2023

A obra da figura 24 retrata uma mulher de forma não realista e, no âmbito da pintura e da data em que foi produzida, inova no suporte sobre o qual a imagem é realizada. Na fase que se caracteriza como Cubismo Sintético, a colagem aparece como recurso na obra de arte, questionando a própria natureza de representação realista na pintura, como é possível ver na figura 25. O uso de materiais ordinários colados sobre o suporte ao invés de representá-lo pictoricamente é um marco na História da Arte.

Figura 26 - Em “Natureza morta com cadeira de palha”, de 1912, o uso de cola e materiais diversos contrapõem a corrente naturalista do período.



Fonte: <https://medium.com/@pibidartesvisuaisufma/colagem-seu-nascimento-e-trajet%C3%B3ria-na-hist%C3%B3ria-da-arte-f582a1c12dff> . Acesso em: 27 nov. 2023

Figura 27 - Exemplo de atividade. Selecionei como referência uma interpretação escolar da colagem de Picasso, tanto pela prática de reaproveitamento quanto pela abordagem não realista.



Fonte: Arte na Becker Middle School: retratos de Picasso revisitados. Disponível em:

<https://beckermiddleart.blogspot.com/2012/11/picasso-portraits-revisited.html>. Acesso em: 27 nov.2023

Atividade 5: Fabricação de papel reciclado



Duração: 3 encontros

O que é necessário:

Papel usado, água, maizena, bacia ou balde para deixar de molho, liquidificador, esponja, 2 molduras - 1 com nylon ou rede fininha tipo filó e a outra vazada, bacia para despejar a massa - que caiba as molduras confortavelmente, pedaços de tecido ou folhas de jornal para esticar os papéis novos, varal e pregadores. Local arejado para secarem. Lápis, borracha, cola, tesouras e lápis de cor.

Processo:

Essa atividade se propõe a ensinar como reciclar papéis artesanalmente, reduzindo o uso de folhas novas e o descarte. Após a secagem do papel reciclado com folhas já utilizadas pelos

próprios estudantes e na escola, o grupo irá realizar nessa folha de papel produzida por eles mesmos, desenhos para definir melhor os personagens que escolheram na atividade 4 e que irão representar em fantoches mais adiante.

É necessário reunir previamente o material, como, por exemplo, mobilizar os participantes e a escola, deixando caixas de papelão para recolher os papéis usados, explicando que não podem ser reciclados. Para essa atividade também são necessários alguns utensílios que possivelmente não haverá na escola, como liquidificador. As molduras para confeccionar as folhas de papel podem ser reaproveitadas de telas de silkscreen e é possível consegui-las mais barato ou por doação. Também são vendidas pela internet kits de molduras para fazer papel artesanal. No caso de serem reaproveitadas, é necessário afixar o tecido ou tela adequada na moldura para realizar a atividade.

1º encontro: picotar as folhas de papel em baldes e preparar para colocar de molho por 24 horas (mais que isso pode mofar). É interessante separar boa parte desse papel picado para a atividade 7

2º encontro: preparar o espaço de trabalho, já deixando a mesa forrada com jornal aberto ou pedaços de tecido que receberão as novas folhas. E abrir o varal onde as folhas irão secar.

Etapas:

Ir colocando no liquidificador o papel amolecido. A cada ½ litro da mistura, acrescentar 1 colher de sopa do amido e bater por 20 segundos.

Colocar toda a mistura na bacia que cabe as molduras.

Reunir as duas molduras, uma sobre a outra. A vazada serve para delimitar o tamanho da folha de papel.

Mergulhar as molduras juntas, mexendo sempre na mistura antes de inseri-las. Procure deixá-las retas, na horizontal, para que a folha de papel fique uniforme. Quanto mais polpa, mais grosso será o papel. Retirar nessa posição, deixando escorrer o grosso da água. Se perceber falhas, acrescente um pouco da mistura no local.

Retirar a moldura vazada e virar a moldura onde está a mistura sobre a folha de jornal ou o tecido. Pressionar suavemente a esponja para retirar o excesso de água.

Retirar a moldura com cuidado e pendurar a folha ou o tecido esticado no varal para que sequem sem ondulações. O tempo de secagem varia de acordo com o local e clima, mas pode levar em média de 2 a 3 dias.

Obs: Existem receitas e métodos para confeccionar artesanalmente papéis que a terra come, feitos a partir de fibras de plantas e sem componentes tóxicos. Seguindo a lógica de resíduos como nutrientes da metodologia C2C, esses papéis saudáveis, poderiam ser compostados. Entretanto, por se tratar de receitas mais minuciosas e com mais procedimentos para preparar as fibras, indico como sugestão de pesquisa.



ESTUDANTE FEZ FOLHA COM ESPADA DE SÃO JORGE!

CONFIRA A REPORTAGEM EM:

[HTTPS://WWW.CORREIO24HORAS.COM.BR/MINHA-BAHIA/ESTUDANTE-BAIANO-DESCOBRE-COMO-FABRICAR-PAPEL-COM-ESPADA-DE-SAO-JORGE-0823](https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/estudante-baiano-descobre-como-fabricar-papel-com-espada-de-sao-jorge-0823)

3º encontro: Com as folhas de papel recicladas secas, os estudantes devem realizar desenhos e anotações que definam melhor a personalidade dos seus personagens. Desde gostos, aptidões, hábitos, adereços, preferências, recortes, lembranças, notícias, fotos, etc. O que tiverem de informações para registrar e incluir nessa folha, que ajudará na construção do fantoche.

Cola ou Costura?

Atividade 6: Assemblagem com materiais sintéticos



Duração: 3 encontros

O que é necessário:

Os estudantes devem buscar objetos, materiais e/ou resíduos para construir sua Assemblagem. Devem também ter acesso à colagem realizada na atividade 5 e às anotações, esboços, ao desenho da atividade 4. Agulhas, linhas de costura, cordões, correntes, arames de pão e tesouras, além da possibilidade de materiais potencialmente perigosos em caso de atividades escolares, mas que podem ser utilizados por estudantes adultos, como alfinetes, tachinhas, preguinhos e martelo.

Processo:

Para essa atividade, serão usados materiais do ciclo tecnológico. E que podem tanto ser conservados posteriormente, quanto desmontados e serem destinados à gestão de resíduos.

Para tanto, não será permitido o uso de cola, mas somente costuras, amarrações, pregados ou outras formas de encaixe para montar a Assemblage no suporte escolhido. É importante esclarecer que este, por sua vez, faz parte da composição estética do trabalho. Podem ser utilizadas caixas de sapato, molduras, caixas de uva, caixotes de feira, relógios antigos ou qualquer objeto que o estudante tenha a seu alcance que estimule seu processo criativo.

Figura 28 - Exemplos de Assemblage. Obra de Valentine Hugo



Fonte: <https://www.photo.rmnm.fr/CS.aspx?VP3=SearchResult&VBID=2CMFCI6EGSGVYT&SMLS=1&RW=1442&RH=742>. Acessado em 3 de dezembro de 2023.

Figura 29 - Obra de Jérôme Cavailles



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/499125571197060466/>. Acessado em 3 de dezembro de 2023.

A Assemblage é uma expressão artística encontrada em variados movimentos da Arte Moderna e contemporânea, utilizada até os dias de hoje. Tem uma familiaridade com a colagem, embora sejam tridimensionais, realizadas a partir de objetos e não se enquadram nas definições tradicionais de escultura ou pintura. Um dos curadores do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MOMA), William C. Seitz, realizou a exposição “A arte da Assemblage” em 1961, que esclarece bem particularidades da Assemblage através de sua curadoria:

(...) um conjunto de obras históricas e contemporâneas que compartilhavam as seguintes características físicas: 1. Mais do que pintadas, desenhadas, modeladas ou esculpidas, elas são predominantemente reunidas [assembled]. 2. Em parte ou inteiramente, seus elementos constitutivos são materiais, objetos ou fragmentos naturais pré-formados ou manufaturados, não pensados a priori como materiais de arte. (DEMPSEY, 2010. P.215)

Como temática, o ideal é que, de alguma forma, mantenham alguma relação com o personagem construído nas atividades 4 e 5, para que seja integrada na composição da exposição final do projeto. Entretanto, como é interessante, nesse momento, a liberdade de experimentação, também pode ser incentivada a livre criação. É importante uma apresentação de artistas que trabalhem com Assemblage ou, ainda, que os estudantes possam realizar uma pesquisa sobre o tema.

Etapas:

Reunir na mesa de trabalho os trabalhos das atividades 4 e 5, os esboços e anotações sobre o personagem escolhido, além dos objetos e materiais que o estudante selecionou, incluindo o suporte.

Organizar sobre o suporte como será a composição.

Costurar, prender ou encaixar (de modo que não solte) para criar a Assemblage.

Obs: A/o educador(a) pode dispor de alguns materiais e objetos em um canto da sala para uso coletivo e incentivar, antecipadamente, que os estudantes também tragam alguns além dos que forem usar.

Atividade 7: Fantoches feitos de papel marchê



(Confecção da massa e modelagem da cabeça)

Duração: 2 encontros

O que é necessário:

Papéis de rascunho, desenhos anteriores ou outros já usados.

Baldes ou bacias, água, aventais (se possível), canudos internos de papel higiênico ou guardanapo em rolo, cola compostável, base para armazenar os trabalhos para secagem e local para guardá-los em segurança.

Processo:

Agora os estudantes irão iniciar a confecção de fantoches, a partir dos personagens trabalhados nas atividades 4, 5 e 6. Essa atividade integra os materiais abordados neste produto educacional, vinculando a continuidade desse planejamento. Está voltada à reciclagem no pós-uso e, para tanto, usaremos prioritariamente cola caseira na massa e costuras na montagem, para permitir o desmonte e posterior separação dos materiais para serem destinados a seus correspondentes ciclos de reciclagem.

1º encontro: picotar os papéis e deixar de molho assim como fizeram na atividade de papel reciclado. Os estudantes já podem trazer papéis que foram picados em casa ao definirem que poderiam ser reciclados.

2º encontro: preparação da massa e modelagem das cabeças dos fantoches.

Etapas:

Reunir rolinhos de papel higiênico ou de guardanapo em rolo para o dia da modelagem.

Preparar a cola previamente, considerando que é necessário levar ao fogo.

Essa atividade só é possível de ser realizada após os papéis estarem de molho até amolecerem. Entretanto, é importante observar e talvez trocar a água, se for necessário, se for ficar mais de um dia ou pode estragar.

Preparar a massa (com ou sem a turma) e iniciar a modelagem das cabeças dos fantoches a partir dos canudos de papel, deixando uma borda para que seja presa posteriormente a indumentária, unindo a cabeça ao corpo. É interessante passar um pouco da cola onde for

adicionar massa. Os formatos das cabeças devem seguir os desenhos dos personagens selecionados pelos estudantes nas atividades 4, 5 e 6.

Armazenar as cabeças em um local seguro até que sequem e possam ser pintadas. Organizar as cabeças afastadas umas das outras em uma base não aderente, ou forrada com plástico reaproveitado, para que não grudem.



Momento Dicas e Receitas

Massa de Papel Marché

Material necessário: papel, liquidificador, cola caseira, água, peneira ou escorredor, baldes ou bacias.

→ Picar o papel em pedaços bem pequenos e deixar de molho de um dia para o outro. Após estar amolecido, bater aos poucos no liquidificador, seguindo a seguinte proporção de $\frac{1}{3}$ de papel picado para $\frac{2}{3}$ de água.

Deixar que a água do papel batido escorra em uma peneira para que fique úmido, mas com o mínimo de água. Em uma bacia, misturar a massa com a cola caseira já fria. Modelar vagarosamente. Em peças maiores seria necessário intercalar períodos de secagem e ir construindo aos poucos, sobrepondo camadas conforme vá secando, para que não quebre.

Cola caseira de Polvilho

Material necessário: 1 litro de água e 3 colheres de sopa (cheia) de polvilho azedo.

→ Colocar a água para ferver, reservando uma parte fria para dissolver o polvilho.

Ao ferver a água, misturar o polvilho dissolvido e mexer, aguardando por volta de 15 segundos para cozinhar um pouco. A cola fica pronta com aspecto líquido, similar à consistência da cola branca.

A inspiração para essa criação são os fantoches produzidos por Paul Klee. O pintor modernista suíço é um dos mais significativos do século XX, cuja obra manifesta sua musicalidade e independência na abordagem das cores em relação à realidade. Foi um influente professor da importante escola de design e arquitetura Bauhaus por uma década e começou a produzir fantoches para o aniversário de seu filho Félix, que os adorava. A partir disso, o artista fez mais quarenta e dois no período de 1916 a 1925: “o primeiro lote foi baseado no show alemão estilo Guignol Kasperl e Gretl, mais tarde bonecos incluíram um autorretrato de Klee e [sa]tirização de políticos e outros rostos notáveis” (site). Boa parte desses bonecos foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial, onde apenas um dos oito originais sobreviveu, mas, felizmente, ainda temos um acervo da beleza e poética existente nesses fantoches, assim como em suas pinturas.

Figura 30 - Fantoches confeccionados por Paul Klee



Fonte: <https://flashbak.com>. Disponível em: <https://flashbak.com/glove-puppets-the-buddha-of-bauhaus-paul-blee-made-for-his-son-felix-368609/> Fantoches de luva O Buda da Bauhaus Paul Klee feito para seu filho Felix - Flashbak. Acesso em: 7 de jan. 2024

Tintas naturais

Atividade 8: Confeção de tinta natural



Duração: 2 encontros

O que é necessário:

Pigmentos naturais, como cúrcuma ou urucum, ingredientes da tinta escolhida, fungicida natural como própolis, óleo de cravo ou vinagre, peneiras, pincéis médios e finos, lápis, borracha, colheres, garrafa com água e potes reaproveitados limpos e com tampa. As cabeças dos fantoches já secas.

Processo:

Nessa atividade iniciaremos a produção de tintas naturais com elementos simples e fáceis de encontrar. Uma tinta é feita basicamente de pigmento e aglutinante, aos quais podem ser adicionados uma série de outros elementos que definem suas características. Optei por trazer receitas de tintas tradicionais da prática de pintura: têmpera, guache e aquarela.

1º encontro: priorizaremos preparar todos os pigmentos que serão usados, com a intenção de produzir uma maior variedade de tintas para a caracterização dos fantoches na atividade 9. É importante compreender que a validade das tintas naturais depende tanto dos componentes na formulação, quanto do manuseio durante o uso e do modo de conservação. Reservaremos os pigmentos em potes para misturar o aglutinante somente no dia nas quantidades que estão previstas de serem usadas.

Obs: Se for necessário, preparar o local de trabalho para que não suje, forrando com jornal, papelão ou plástico reaproveitado. E antes de iniciar a atividade, organizar os materiais necessários conforme a ordem de uso e os potes para armazenar os pigmentos.

2º encontro: após os estudantes marcarem com lápis nas cabeças dos seus fantoches o que pintarão, serão confeccionadas porções das cores de acordo com os pigmentos disponíveis. Com a tinta preparada, fracionar em potes por grupo para facilitar a dinâmica da aula.

Obs: Experimente sempre a tinta antes para entender sua consistência, brilho e opacidade. Conforme indiquei em “Tintas e Gizes”, há uma grande variedade de artistas e autores ensinando como obter pigmentos naturais e fazer tintas artesanais de qualidade. Aventure-se nesse universo fascinante!



Momento Dicas e Receitas

Tinta têmpera de gema de ovo

Material necessário: 1 parte de gema de ovo, 2 partes de água, 1% de fungicida natural e papel toalha.

→ Antes de começar, é importante saber que é imprescindível separar a clara da gema e a gema de sua película. Então, após tirar a clara, cuidadosamente coloque a gema sobre um papel toalha para secar restos da clara e depois puxe e segure a película da gema, furando-a. Deposite esse conteúdo da gema no pote onde será preparada. Ao juntar a água, é importante ficar misturando. Adicionar os pigmentos de acordo com as cores desejadas

Tinta têmpera de gema de ovo com goma arábica

Material necessário: 1 parte de gema de ovo, 3 partes de goma arábica, 2 partes de água, 1% de fungicida natural e papel toalha.

→ Seguir o mesmo procedimento para extrair o líquido da gema. A goma arábica deve ser diluída com a mesma consistência da gema de ovo. Agitando sempre, juntar a goma arábica e, depois, o fungicida. Adicionar o pigmento até obter uma consistência pastosa e, ao final, adicionar água.

Tinta têmpera em pó

(Essa é a única têmpera que é indicada para guardar e usar posteriormente)

Material necessário:

1 parte de gema de ovo, 4 partes de goma arábica (em consistência de xarope), 1% de fungicida, papel toalha, placa de vidro e espátula ou colher

→ Seguir o mesmo procedimento para extrair o líquido da gema. Após misturar tudo, estenda sobre uma placa de vidro para raspar quando estiver seca. Guardar esses cristais em recipiente fechado e, na hora de usar, adicione água na mesma proporção das gemas que foram usadas (anote essa quantidade junto ao pote para não esquecer).

Tinta têmpera vinílica

Essa tinta geralmente é feita com cola PVA, que como já sabemos é proveniente do petróleo e, portanto, o ideal é evitarmos seu uso. Entretanto, é possível utilizá-la em casos específicos e, de preferência, experimentar substituir por colas compostáveis, adequando a receita.

Material necessário: 1 parte de cola, 3 partes de água, pigmentos.

→ No caso de pigmentos naturais, adicionar o fungicida. Peneirar o pigmento se for em pó e diluir na cola, misturando bem. No caso de pigmentos líquidos ou pastosos, atentar à quantidade de água que pode ser menor do que a indicada.



PIGMENTOS NATURAIS



Há diferentes técnicas para obter pigmentos naturais. Quando se encontram em pó, eles precisam ser misturados com água, por exemplo, para que se tornem líquidos ou pastosos, de acordo com o desejado. Entretanto, é fundamental que sejam peneirados antes, de modo a ficarem sem pedras ou gomos. Para trabalhos onde não é necessário o zelo pela conservação, como geralmente é o caso das vivências escolares, podemos experimentar com liberdade diversos materiais da natureza de fácil acesso como: terras de diferentes tonalidades, argilas coloridas, alimentos como cúrcuma, páprica, espirulina, cacau, café etc. e variedades de elementos naturais que possam estar secos, serem socados e transformados em pó. Outras cores podem ser obtidas através de plantas e alimentos, como hibisco, repolho, beterraba, erva mate, feijão preto e uma enorme variedade de folhas e flores. Pode-se fazer cocção, deixar de molho por 12 horas para depois macerar ou ainda bater no liquidificador. É interessante sempre coar para evitar pequenas partículas que aparecem na tinta. No caso de obras de arte e trabalhos artesanais, é importante atentar à necessidade do uso de fixadores e conservantes, caso a proposta não permita efemeridade, o que pode acontecer sem esses cuidados.

Atividade 9: Caracterização dos Fantoques – 1ª Parte (Cabeça)



Duração: 1 encontro

O que é necessário:

Tintas artesanais, pincéis médios e finos, lápis, potinhos com água e pedaços de pano para limpar os pincéis. Anotações, desenhos e trabalhos das atividades 4 e 6 sobre o personagem escolhido e a mesma base para guardar as cabeças pintadas até secarem, em local seguro.

Processo:

Para esse encontro, daremos continuidade à confecção de tintas artesanais iniciadas na atividade 7, que serão usadas para pintar as cabeças modeladas após já estarem secas. Como

referência para caracterizar as cabeças desses personagens, os estudantes observarão as características observadas e já retratadas nas atividades anteriores. Nesse momento, já podem ir projetando quais adereços podem adicionar após a pintura, como brincos, chapéus e toda sorte de detalhes e com quais materiais, sobretudo resíduos, podem representar essas ideias.

Atividade 9.1: Caracterização dos Fantoques – 2ª Parte (Indumentária)



Duração: 3 a 5 encontros

O que é necessário:

Tecidos reutilizados, papéis, linhas, bijuterias encostadas e objetos para serem reaproveitados, além de resíduos diversos como tampinhas de garrafa, papéis e plásticos metalizados, cordas, correntinhas, botões, moedas antigas, etc. Cola caseira, agulhas, linhas de costura e para bordar, agulhas de crochê e tesouras.

Para a impressão botânica: placas de compensado reaproveitado ou mesas forradas com papel ou plástico reutilizado, pilão de madeira ou martelos de borracha, plantas tintórias coletadas previamente, tesoura e tecido não sintético, como algodão cru por exemplo.

Processo:

Para concluir a caracterização dos bonecos, temos a opção de fazer impressão botânica para as vestimentas e usar ou não as tintas artesanais. poderemos utilizar ainda adereços auxiliares, preferencialmente a partir de resíduos ou objetos que os estudantes tragam de casa para reutilizar, como brincos ou colares. Em uma aula extra, poderão ainda utilizar técnicas têxteis como crochê ou bordado, por exemplo, para adereçar esses personagens. A conclusão dessa atividade acontece com a finalização da montagem do fantoche, com a cabeça unida ao corpo e todos os seus adereços costurados. Não é vedado o uso de cola, desde que seja compostável, considerando que o destino dos fantoches não é a conservação.

Atividade 9.2: Cenário para apresentação dos fantoches – 1ª Parte -

Elaboração do cenário e painéis com plástico.



Duração: 2 Encontros para desenhar o projeto do cenário coletivo e 3 para a confecção da parte 1.

O que é necessário:

Trabalhos realizados para observação e o espaço definido para a exposição. Papéis, lápis, borracha, lápis de cor, caneta grossa para marcação como Pilot, por exemplo, tecidos reutilizados, linhas, colas, tesouras e resíduos plásticos limpos de toda variedade coletados do uso diário dos participantes e da escola. Além disso, materiais definidos pelo projeto da turma, como por exemplo, caixas de papelão e caixotes de feira, malas, etc.

Processo:

Essa atividade está associada à última do projeto e requer a definição de um desenho da turma para orientar o trabalho que será realizado coletivamente, além de coleta de materiais pelos estudantes. É de suma importância definir previamente onde acontecerá a exposição para desenvolver esse trabalho. A proposta é de confeccionar um cenário para ambientar a exibição dos fantoches produzidos e suas respectivas histórias. O processo criativo desenvolvido durante o projeto, com seus respectivos registros também pode ser elaborado junto ao cenário ou exposto em paralelo. (Note-se aqui a possibilidade de outros caminhos possíveis a partir disso).

Validando tudo o que foi aprendido, a elaboração do cenário se dá com um projeto em desenho desenvolvido pelo grupo coletivamente e com a organização do espaço utilizando materiais reutilizados e respeitando a composição desses materiais para que possam ser reaproveitados mais uma vez ou reciclados posteriormente. Para tanto, podemos considerar arrecadar caixas de papelão, caixotes, sobras de tecido, redes de pesca, gavetas, malas antigas e toda sorte de materiais que os estudantes escolherem, desde que sejam costurados ou presos de forma a poderem ser destinados corretamente ao fim da exposição. Ou, no caso do uso de materiais do ciclo biológico, utilizar materiais da mesma natureza, como galhos, tintas e colas naturais, conforme aprendido anteriormente. O cenário pode conter: os retratos confeccionados na Atividade 4 e/ou Assemblages produzidas na Atividade 6, além de elementos que dialoguem com as personalidades dos fantoches, de acordo com suas histórias e características, a partir do

reaproveitamento de outros materiais e elementos da natureza trabalhados com colas compostáveis ou tintas naturais.

Obs: É possível, como desdobramento, de acordo com a disposição do grupo e de acordo com a disponibilidade de calendário, realizar um teatro, o que demanda organizar os grupos para criar o roteiro, falas e ensaios. Entretanto, optei aqui apenas por uma apresentação visual, com a ambientação para expor os fantoches.

A orientação é que o cenário se relacione com os fantoches construídos a partir desses personagens e que contenham em sua constituição tanto resíduos plásticos, que pertencem ao ciclo tecnológico, quanto materiais do ciclo biológico, como elementos da natureza. Mas devem estar estruturados de forma que, ao final, possam ser destinados corretamente na gestão dos resíduos. Após a elaboração do projeto do cenário pelo grupo, os próximos três encontros dessa atividade serão destinados à confecção de painéis e elementos cenográficos com resíduos plásticos, abordando com a turma o último material apresentado neste trabalho.

1º e 2º encontros: o grupo poderá optar em realizar um único cenário, idealizado e confeccionado coletivamente, para expor os fantoches ou por fazer alguns cenários, realizados por grupos divididos de forma autônoma. Considero aqui a possibilidade de um cenário único. Para tanto, sugiro a divisão da turma em 3 ou 4 grupos para desenhar um esboço por grupo, observando todos os fantoches e trabalhos realizados. Depois, se organizarão para desenhar um projeto único do cenário, a partir da reunião do que foi levantado nos esboços iniciais realizados pelos grupos. Importante observar a mediação da(o) educador(a) incentivando as possibilidades, levantando a observação trazidas pelos estudantes e as características dos personagens.

3º ao 6º encontro: nessa atividade, os estudantes realizarão uma montagem com plásticos, que podem ser inspirados em desenhos abstratos ou figurativos, como na obra de Jane Perkins. A artista inglesa trabalhou como enfermeira por dezessete anos e após uma pausa para criação dos filhos, voltou a estudar e se graduou em Têxtil. Durante seu processo de formação, descobriu imagens de cocares religiosos do Equador que utilizavam grande variedade de objetos em sua composição e isso a inspirou a criar broches com materiais encontrados. A partir disso, começou a colecionar peças maiores que não se adequavam mais aos broches. Após realizar diversos

retratos, a artista começou a reproduzir pinturas icônicas da História da Arte, utilizando materiais a que tem acesso através de amigos ou buscando peças em mercados de itens usados.

Figura 31 - Obra de Jane Perkins a partir de materiais e resíduos disponíveis



Fonte: janeperkins.co.uk. Disponível em: <https://janeperkins.co.uk/plastic-classics/>. Acesso em: 16 dez. 2023

Para a nossa proposta, seguiremos essa prática de reproduzir uma imagem através da adição de objetos reunidos e organizados em suportes reaproveitados, como papelão ou algum outro material rígido. Pode ser um painel maior, coletivo, ou outras menores feitas pelos grupos, sempre de acordo com o projeto do cenário. Por exemplo: se quiserem retratar uma cidade como o Rio de Janeiro, podem desenhar inicialmente algum ícone como o Pão de Açúcar para definir as áreas de cores e formas e, em seguida, ir criando com os resíduos plásticos essa imagem a partir dos resíduos. Como o uso da cola PVA não impede a reciclagem do plástico, é possível utilizá-la para fixar pequenas peças, desde que seja possível descolar, posteriormente, os tipos diferentes de plásticos. Para peças maiores, que exigiriam outro tipo de adesivo, é necessário utilizar a costura ou outras formas de fixação que permita a desmontagem depois.

Figura 32 - Trabalho escolar realizado por uma criança de 7-8 anos inspirado no trabalho de Jane Perkins



Fonte: Projetos Escolas | Jane Perkins. Disponível em: <https://janeperkins.co.uk/schools-projects/>. Acesso em: 16 dez. 2023

Atividade 9.3: Cenário para apresentação dos fantoches – 2ª Parte -

Completando o ambiente cenográfico com materiais naturais.



Duração: 2 a 3 Encontros

O que é necessário:

Elementos da natureza como galhos de árvores, pedras, folhas e flores caídas, penas de pássaro encontradas no caminho, linhas não sintéticas, colas compostáveis, agulhas, tesouras e materiais que os estudantes percebam como necessários para a confecção do cenário.

Processo:

Nessa atividade serão utilizados elementos da natureza para completar o projeto do cenário que servirá para ambientar a exposição dos fantoches e trabalhos selecionados que foram realizados no projeto. Lembrando que o cenário pode ser composto de materiais dos dois ciclos, desde que possam ser separados na desmontagem.

Como inspiração para a elaboração e confecção desse cenário utilizando também elementos da natureza, apresento duas artistas que trabalham com materiais do ciclo biológico (considerando que se use, na proposta, linhas de origem natural e não linhas sintéticas). Essas artistas utilizam materiais da natureza associados a um fazer têxtil e são ótimos exemplos de como é possível associar elementos naturais ao cenário constituído por trabalhos elaborados tanto com materiais sintéticos quanto orgânicos. Em ambos os casos, no caso da junção do têxtil ao material orgânico, o ideal é utilizar linhas naturais para que possam ser compostadas posteriormente.

Figura 33 - STIT CHED BOTANICALS — Hillary Waters Fayle



Fonte: Hillary WFayle. Disponível em: <https://www.hillarywfayle.com/new-page-5>. Acesso em: 20 de nov. 2023

Hillary W Fayle é designer têxtil e nutre profunda admiração pela natureza e meio ambiente. Além de artista, é professora assistente na Universidade da Virgínia (VCU), EUA, onde também dirige o programa de fibras, além de ministrar workshops no Brasil e no exterior. A artista interage visualmente em folhas, utilizando bordados minuciosos através de uma manipulação gentil e delicada. Ou ainda colhe folhas e flores com as quais cria mandalas ou cianotipias para a construção de imagens.

Figura 34, 35 e 36 – Obras de Susanna Bauer



Fonte: Susanna Bauer. Disponível em: <https://www.susannabauer.com/work>. Acesso em: 20 de nov. 2023

A artista Susanna Bauer utiliza elementos da natureza selecionados e combinados à técnica do crochê, remetendo-nos a uma prática meditativa. Seus trabalhos parecem esculturas em miniatura e realçam a beleza da natureza, como em um diálogo íntimo.

Obs: A exposição é a culminância onde serão apresentados toda a produção realizada com o grupo e é interessante que os trabalhos selecionados espelhem o que foi desenvolvido durante todo o projeto, ou ainda algum trabalho de conclusão que expresse a aprendizagem adquirida nesse processo. No caso, o uso de materiais dos ciclos reunidos sem atrapalharem a gestão de resíduos após a conclusão da exposição (ou estejam preparados para sua conservação) demonstra a essência desse trabalho.

A composição desse cenário pode ser estruturada de acordo com as condições do local onde estará instalado e ao seu uso. Um cenário puramente expositivo pode conter peças encaixadas se não houver movimentação de público entre as peças. Já um cenário para uma apresentação teatral dos fantoches, por exemplo, já requer uma elaboração melhor, com costuras e amarrações, por exemplo.

Atividade 10: Montagem da Exposição



Duração: 2 a 3 encontros

O que é necessário:

Projeto do cenário, trabalhos selecionados, painéis e elementos confeccionados nas atividades 11 e 12. Materiais e ferramentas de acordo com o projeto do cenário.

Processo:

As ferramentas usualmente utilizadas para montagens de cenário são barbantes, fios, cordas, estiletes, martelos, grampeadores, linhas e agulhas, etc. Entretanto é fundamental avaliar cuidadosamente a viabilidade de utilizar vários desses materiais junto a crianças, o que pode requerer auxílio de algum assistente adulto ou da escola para supervisionar essas ferramentas e evitar acidentes. É fundamental que a(o) educador(a) se organize previamente para direcionar os grupos durante a montagem.

Etapas:

Avisar ao local e funcionários envolvidos com antecedência sobre a montagem.

Reunir todos os trabalhos realizados e materiais.

Dividir em grupos para executar a montagem.

Começar pela estrutura geral e ir adicionando as partes, em camadas.

Atividade 11: Desplantar os Resíduos e Desmontagem da Exposição

Duração: 1 encontro

O que é necessário:

Caixas ou sacos para ir separando os materiais para a gestão de resíduos, tesouras e alicate, se necessário. Fotografia dos resíduos plantados, terra, adubo, luvas, pá, suporte para colocar os resíduos retirados.

Processo:

Durante a desmontagem da exposição, organizar os estudantes para ir separando os materiais para seus destinos corretos de reciclagem ou reaproveitamento. O que for do ciclo tecnológico deve ser entregue à coleta seletiva e o orgânico à compostagem, enterrados ou depositados atenciosamente em alguma área de natureza, de modo harmonioso. Entregar os trabalhos aos estudantes que desejarem guardar os seus.

Ao final, desplantar os resíduos que foram plantados no vaso com terra no início do projeto e replantar a muda. Feito isso, observar e debater com a turma sobre a transformação que os materiais sofreram ou não após esse período.

Atividade 12: Avaliação e Debate Afetuoso

Duração: 1 encontro

O que é necessário:

Espaço de convivência, conclusões da/o educador(a) para dialogar na ocasião.

Obs: É importante apresentar aos estudantes um exemplo de carta de autoavaliação anteriormente a esse encontro e ressaltar que eles dediquem um tempo a repassar o que vivenciaram, que olhem suas anotações e trabalhos, que acessem suas memórias. Essas cartas podem ser entregues antes desse encontro ou no dia. Caso seja do desejo do grupo, pode ser combinado uma confraternização com ou sem lanche, ou mesmo um passeio como um picnic, por exemplo.

Processo:

O projeto se encerra neste último encontro, com uma conversa sobre a experiência de cada um, o que mais gostaram ou não, o que perceberam que aprenderam, compartilhando suas reflexões e sobre o que poderia ser diferente e melhorar. Como eles veem que podem colaborar para um mundo efetivamente sustentável a partir do que aprenderam.

A conclusão do projeto acontece com a avaliação de todo o projeto de trabalho vivenciado e a entrega das cartas de autoavaliação e avaliação individual sobre o projeto, que pode ser debatida com o grupo. É válido incentivar a conversa ou mesmo a leitura das cartas entregues.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO

Acredito que o processo avaliativo é uma escolha da(o) educador(a) e que isso é um tema caro à educação. Valorizo uma abordagem processual, participativa, onde além da autoavaliação, o estudante expressa sua opinião crítica às atividades e ao projeto como um todo, refletindo sobre suas aprendizagens e compartilhando suas experiências, percepções e sentimentos. Acredito serem sempre bem-vindas sugestões e críticas de forma construtiva e que esse fazer é um ato de educação participativa, onde a escuta e o acolhimento é caminho para construções de afeto e pertencimento. Construir o hábito de realizar essas reflexões ao longo de todo o processo, promove um desenvolvimento de senso crítico para aprimorar o diálogo, onde toda essa trajetória se constitui como ferramenta avaliativa. Para fomentar essa praxe, cada estudante pode construir seu portfólio pessoal desde o início do projeto, como um “diário de bordo”, onde organizam com datas e anotações, essas avaliações e percepções, os trabalhos realizados ou registros deles - o que lhes servirá de consulta na avaliação final.

Além disso, a autoavaliação do professor diante do trabalho desenvolvido é uma ferramenta poderosa de desenvolvimento profissional. Esse fazer pode ser realizado durante

todo o processo, o que colabora com redirecionamentos. Ao final, rever essas avaliações, diante do todo, traz uma perspectiva de onde acertos e erros contribuíram e podem ser reproduzidos e adaptados a novos projetos e realizações.

E assim chegamos ao fim desse trabalho...

Desejo profundamente que esse produto educacional instigue a refletir sobre a responsabilidade que temos sobre nossos impactos, para que estes sejam positivos e colaborem para uma realidade mais natural, amplamente diversa e respeitosa a todas as formas de vida. Espero querida/o leitor(a), que esse conhecimento não lhe jogue no lugar de culpa ou paralisia, mas, pelo contrário, que te toque com encantamento o resgate desses fazeres saudáveis e isso te preencha de otimismo e entusiasmo para transformar nossas rotinas e hábitos. Que possamos transitar pela vida a partir de uma abordagem menos antropocêntrica e mais plural, que sejamos, juntos, multiplicadores dessa postura regenerativa, efetivando processos de conscientização: Compartilhando conhecimentos, promovendo ações e transformando nosso lugar no mundo de forma colaborativa, restaurando e fortalecendo o sentido de coletivo e de pertencimento.

Espero que esse material some decisivamente em seu exercício profissional e em suas percepções pessoais. E que se sinta autorizada(o) a compartilhar e difundir a proposta, de forma ética e construtiva. Como o diálogo é um caminho de construção e sugiro o uso desse material baseado no Código Aberto, conforme explicado inicialmente, deixo aqui um e-mail de contato para Compartilharmos, experiências, preencher lacunas, fazer revisões, desenvolver ações e dar continuidade a essa proposta. Tenho muito interesse no seu feedback¹⁹ e no que está por vir!!

Viva e deixe viver!

Thaiza Duarte



e-mail: colabora.ecea@gmail.com

¹⁹ Emails, cartas manuscritas e registros de experiências são muito bem-vindos! E caso queira responder ao formulário que preparei para iniciar nosso contato, acesse esse link: <https://forms.gle/Ui6VrnKMqTCxs5jt9>

